KLEIST

A MARQUESA DE O...

O TERRAMOTO NO CHILE

TRADUZIDO DO ALEMÃO
POR JOSÉ M. JUSTO

A MARQUESA DE O...

O TERRAMOTO NO CHILE

Heinrich von Kleist

A MARQUESA DE O...
O TERRAMOTO NO CHILE

TRADUZIDO DO ALEMÃO
POR JOSÉ M. JUSTO

EDIÇÕES ANTÍGONA
LISBOA 1986

Títulos originais	Die Marquise von O...
	Das Erdbeben in Chili
Autor	Heinrich von Kleist
Tradução	José M. Justo
Capa	Antígona
Execução gráfica	Safil
	Depósito Legal N.º 300 193/86
Edições	Antígona
	Apartado 4192
	1504 Lisboa Codex

Entre nós, excepção feita naturalmente ao público mais especializado, a categoria de «Novelle» é mais ou menos desconhecida. Começamos por não dispor de um equivalente terminológico apropriado (a nossa 'novela', para não falar das conotações menos positivas que a designação tem desde há muito, aponta para um subgénero narrativo de dimensões e organização para-romanescas; 'conto' é uma designação muito vasta e imprecisa que de forma nenhuma se adequa à especificidade da «Novelle»). E, se não dispomos do nome é porque não dispomos do género, pelo menos com a mesma autonomia (ou, se se quiser, pujança) com que ele surge na área cultural alemã desde os finais do século XVIII até aos nossos dias. Contudo, não deixa de ser curioso notar que as raízes da «Novelle» alemã se encontram precisamente nas literaturas românicas (no Decameron *de Boccaccio, nas* Novellas Ejemplares *de Cervantes, para citar apenas os exemplos mais*

proeminentes) e que se trata, portanto, de um caso de profunda assimilação a que não são estranhas nem a atitude receptiva da cultura alemã ao tempo do Classicismo e do Romantismo, nem as potencialidades, digamos, 'especulativas' ou 'exemplares' de um género que pela sua estrutura sintética, sem deixar de ser narrativo, se aproxima muito do gesto de «deixar entrever» que é próprio da poesia. Por outras palavras, se o romance trabalha sobre a duração, *ou seja, sobre um fragmento de tempo mais ou menos extenso envolvendo uma multiplicidade de* antes *e* depois, *a «Novelle», ao trabalhar sobre um* durante, *como que suspendendo o antes e o depois, ganha qualquer coisa do dizer acrónico (pelo menos tendencial) que é o da poesia e, consequentemente, qualquer coisa da 'abertura', do não-completamente--dito, ou mesmo do não-dito (porque não-dizível) que, passe a ousadia da generalização, se inscreve na tecitura profunda da literatura alemã, pelo menos, entre o* Geniezeit *e o* Expressionismo.

Ao não-dito chega-se, por exemplo, pelo inaudito. É que o inaudito, se for apenas dito (isto é, se não for recamado nem pela desmultiplicação das circunstâncias — o antes —, nem pela multiplicidade das consequências — o depois —, nem pela multiplicação das explicações/interpretações — a duração da duração), deixa consigo um proliferar (suspenso) de sentidos possíveis, a par de uma ameaça: a da impossibilidade do sentido. De facto a história do absurdo *na literatura alemã*

far-se-ia em grande parte à custa da história da «Novelle». Entre Hoffmann e Kleist, num dos extremos, e Kafka, para não avançar mais, no outro.

Goethe, que passa por ser o introdutor do género com as suas Conversas entre Emigrados Alemães *(1795), ainda à maneira do círculo boccacciano, dizia mais tarde, num dos seus colóquios com Eckermann, a propósito de um texto a que chamou apenas e precisamente* Novelle, *que a designação era apropriada porque se tratava de «um facto acontecido* (sich ereignet) *e inaudito* (unerhört)». *A tirada, entendida como definição, ficou e, com ela, a noção de uma polaridade capaz de estabelecer os limites do género: o 'inaudito' (que mereceria melhor sorte que a da mera identificação com o 'inverosímil') e o 'acontecido' (que já era tempo de não anexar à pseudocategoria de 'real'). É óbvio que se trata, no Goethe de 1827, de uma oscilação no domínio do possível/impossível em que a tónica (organizativa, clara, cada vez mais clara) recai sobre o primeiro termo.*

Para não irmos mais longe, que o lugar se não presta, diríamos que em Kleist é do outro lado dessa oposição (e também do outro lado da literatura e, já agora, da vida) que nos encontramos. Do lado de uma impossibilidade radical que circunda todos os possíveis para voltar a irromper em cada um deles. Poder-se-ia constatá-lo a propósito do teatro de Kleist, que não vem ao caso; pode-se dizê-lo de A Marquesa de O... *e de* O Terramoto no Chile. *Falamos da impossibili-*

dade interior *que é a da Marquesa conjugar na mesma imagem (a que tem do Conde) o mal e o bem ou, em si mesma, o saber e o não-saber; falamos da impossibilidade* exterior, *social, que é a do «paraíso sobre a terra» desfeito em escombros nessa espécie de segundo cataclismo que constituem as últimas páginas do* Terramoto.

Ora, estas impossibilidades maiores, que obviamente relevam de uma maneira de encarar aquilo a que se pode chamar «o lugar do homem», não têm que ser confundidas com as inverosimilhanças ou quase-impossibilidades que as sustêm no plano do texto. Mas, sobretudo, não têm que ser escamoteadas em favor de uma suposta objectividade *que a crítica tantas vezes julgou dever encontrar no estilo e na estrutura da «Novelle» kleistiana. A aparência de objectividade resulta precisamente do facto de o assinalado «deixar entrever» poético não deixar de ser narrativo; melhor, o que Kleist faz é deixar entrever uma fragmentação do sentido que traz consigo o gérmen do não-sentido e, se o faz em torno de um «acontecimento», não se espera interpretação (subjectiva) que seria nada mais nada menos que imposição de sentido ao acontecimento. E é este posicionamento indeclinavelmente subjectivo que permite entender a ligação de Kleist ao seu tempo para lá de toda a marginalidade em relação ao Classicismo e ao Romantismo alemães.*

Alfragide, Julho de 1986.

José M. Justo

A MARQUESA DE O ...

(Segundo um acontecimento verídico, cujo cenário aqui se desloca do Norte para o Sul)

Em M..., importante cidade da Alta-Itália, a Marquesa de O..., senhora de excelente reputação, viúva, mãe de duas crianças de uma perfeita educação, fez saber pelos jornais que ficara grávida sem seu conhecimento, que o pai da criança que ia dar à luz se devia apresentar e que, por razões de natureza familiar, se encontraria na disposição de casar com ele. Esta Senhora que, sob pressão de uma circunstância irremediável, assim se expunha ao ridículo público com um passo tão estranho como convicto, era a filha do Senhor de G..., o Comandante da cidadela de M... O marido, o Marquês de O..., a quem estivera profundamente ligada por laços da maior ternura, perdera-o ela ainda não havia três anos, durante uma viagem deste a Paris para tratar de negócios de família. Depois da morte do Marquês, respeitando o desejo da Senhora de G..., sua mãe, tinha deixado a mansão em que até aí vivera, perto de V..., para regressar com os filhos

à casa paterna, ou seja, à residência oficial do Comandante da cidadela. Aqui, durante o tempo que se seguiu, em grande recolhimento, ocupava-se com as leituras, com as artes, na educação dos filhos e em cuidar dos pais; até que, de súbito a Guerra de ... veio inundar a região de tropas de quase todas as potências; da Rússia, também. O Coronel de G..., que tinha ordens para defender a praça, mandou que a esposa e a filha se retirassem para as propriedades desta última ou do irmão, nos arredores de V... Contudo, antes que a decisão tivesse sido avaliada na balança da reflexão feminina — de um lado as previsíveis aflições no interior da fortaleza cercada, do outro os horrores a que se poderiam expor em campo raso —, já a cidadela era atacada pelas tropas russas e intimada a render-se. O Coronel fez saber que, desse momento em diante, se comportaria como se a família ali não estivesse e respondeu com balas e obuses. Por seu turno, o inimigo bombardeou a cidadela, incendiou os armazéns e tomou uma edificação avançada; e, como o Comandante, depois de uma segunda intimação, protelasse ainda o momento de se render, ordenou um ataque nocturno e tomou a fortaleza de assalto.

Precisamente no momento em que as tropas russas irrompiam pela cidadela debaixo de forte morteirada, a ala esquerda da residência do Comandante começou a arder, obrigando as

mulheres a abandoná-la. A Senhora de G..., apressando-se em seguir a filha que descia a escada com as crianças, gritava que se não deviam perder uns dos outros e que tinham de se refugiar nas salas subterrâneas. Mas um obus que nesse preciso momento explodiu dentro da residência fez culminar a desordem que aí reinava. A Marquesa e as duas crianças saíram para a esplanada do palácio onde já se viam brilhar na noite os disparos da violenta luta; sem ter noção da direcção que devia seguir, foi obrigada a regressar ao edifício em chamas. Aí, por infelicidade sua, ao procurar escapar pela porta de trás, deparou-se com um grupo de atiradores inimigos que, mal a viram, calaram as armas, puseram-nas ao ombro e arrastaram-na, por entre gestos repugnantes. Puxada para um lado e para o outro por esta corja temível que entre si a disputava, era em vão que a Marquesa gritava pelo auxílio das mulheres da sua casa que fugiam, aterrorizadas, pela porta. Tinham-na arrastado para o pátio das traseiras e estava prestes a cair por terra sob as mais horríveis brutalidades quando, alertado pelos gritos de socorro da Senhora, surgiu um oficial russo que, por entre golpes enfurecidos, dispersou aqueles cães desejosos da presa. Aos olhos da Marquesa parecia ser um anjo descido dos céus. Atingiu com o punho do sabre em pleno rosto o último daqueles assassinos animalescos que ainda segurava o corpo delicado da Marquesa e fê-lo recuar em

desequilíbrio, sangrando da boca. Depois, de forma irrecusável, em francês, ofereceu o braço à Senhora e conduziu-a, emudecida por todos estes acontecimentos, para a outra ala do palácio que as chamas ainda não tinham alcançado, onde a Marquesa, mal chegou, caiu sem sentidos. Aí..., como as mulheres ainda assustadas não tardassem em regressar, o oficial mandou chamar um médico; assegurou-lhes que ela não demoraria a recompor-se, colocou o chapéu na cabeça e regressou ao combate.

Em pouco tempo a praça foi totalmente conquistada. O Comandante, que apenas continuava a defender-se porque lhe não queriam dar tréguas, retirou-se com alguns homens já exaustos para a entrada da residência; mas, nesse momento, saía o oficial russo, de rosto afogueado, e deu-lhe ordem para que se rendesse. Respondeu o Comandante que só estava à espera dessa intimação; entregou-lhe o sabre e pediu autorização para entrar no palácio e procurar a família. O oficial russo que, a julgar pelo seu procedimento, devia ser um dos comandantes do assalto, concedeu-lhe essa liberdade, sob acompanhamento de uma escolta. E, com alguma pressa, pôs-se à cabeça de um destacamento, decidindo o combate num ou noutro ponto em que pudesse ainda estar duvidoso. De igual modo, mandou que fossem ocupados de imediato os pontos defensivos da fortificação. Pouco depois, voltou à praça de armas para ordenar que fosse apagado o incêndio

que começava a alastrar com fúria. Entregava-se ele próprio, com admirável energia, a essa tarefa, quando, por momentos, as suas ordens não eram cumpridas com o devido zelo. Tão depressa subia por entre empenas flamejantes, mangueira na mão, orientando o jacto de água, como desaparecia nos depósitos de munições, deixando horrorizada a natureza própria dos seus soldados asiáticos, para aparecer depois a empurrar barricas de pólvora e projécteis prontos a explodir.

O Comandante, que entretanto tinha entrado na residência, cedeu à consternação ao conhecer a notícia do que sucedera à Marquesa. Esta recuperara completamente os sentidos, sem assistência do médico, como aliás previra o oficial russo, e, com a alegria de ver todos os seus sãos e salvos, só guardava o leito para lhes poupar os cuidados excessivos. Asseverou ao pai que o seu único desejo era ter autorização para se levantar e poder ir testemunhar o seu agradecimento àquele que a tinha salvo. Sabia já que se tratava do Conde de F..., Tenente-Coronel do Batalhão de Caçadores de T..., Cavaleiro de uma Ordem de Mérito entre outras. Suplicou ao pai que lhe fizesse o pedido instante de não abandonar a cidadela sem aparecer, ao menos por breves momentos, no palácio. E o Comandante, respeitando o sentimento da filha, regressou sem demora ao forte, para apresentar ao Conde não apenas o desejo, mas também o sentimento emocionado da filha. Como este andava de um lado

para o outro, ocupado com intermináveis determinações militares, e não havendo melhor oportunidade, dirigiu-se-lhe quando, sobre as muralhas, passava em revista os feridos. Assegurou-lhe o Conde que apenas aguardava o momento em que lhe fosse possível suspender as obrigações para ir apresentar à Marquesa as suas homenagens. Preparava-se para ir saber como ela se encontrava, quando chegaram alguns oficiais que vinham fazer os seus relatórios e que assim o reabsorveram na confusão da guerra. Ao romper do dia, chegou o Comandante em Chefe das tropas russas e inspeccionou a fortaleza. Testemunhou ao Comandante a sua elevada consideração, lamentou que a sorte lhe não tivesse vindo em auxílio da coragem e ofereceu-lhe, sob compromisso de honra, a liberdade de se poder deslocar para onde quisesse. O Comandante manifestou-lhe o seu reconhecimento e quis deixar bem expressa a dívida que nesse dia contraíra para com os russos, em especial para com o jovem Conde de F..., Tenente-Coronel do Batalhão de Caçadores de T... Perguntou o General o que se passara; quando lhe contaram o ignóbil atentado cometido contra a filha do Comandante, mostrou-se extremamente indignado. Chamou, pelo nome, o Conde de F... e, depois de começar por o felicitar com algumas palavras breves pela generosidade da sua conduta pessoal — o que o deixou completamente ruborizado —, deu-lhe ordem para mandar fuzilar os miseráveis que

assim tinham lançado a ignomínia sobre o nome do Imperador. Quando lhe perguntou quem eram, o Conde, com voz pouco segura, respondeu que não estava em condições de fornecer os nomes, uma vez que lhe tinha sido impossível reconhecer os rostos por entre os fracos lampejos e reflexos do pátio. O General que já tinha ouvido dizer que nessa altura o palácio estava em chamas, admirou-se e fez notar que é fácil, à noite, reconhecer as pessoas pela voz; e, enquanto o Conde desviava o olhar e encolhia os ombros, encarregou-o de investigar o assunto com a maior minúcia e severidade. Nesse momento, alguém que avançara para as primeiras filas do círculo informou que um dos criminosos feridos pelo Conde de F..., tendo caído algures num corredor, tinha sido arrastado pelas gentes do Comandante para um lugar seguro, onde ainda se encontrava. O General mandou que o trouxessem debaixo de escolta; ordenou um interrogatório sumário e, de seguida, revelados os restantes nomes, o fuzilamento dos cinco. Posto isto, deu ordens para que as tropas partissem, deixando uma pequena guarnição na fortaleza; os oficiais dispersaram rapidamente, dirigindo-se aos seus batalhões. Pelo meio da confusão momentânea deste apressado destroçar, o Conde aproximou-se do Comandante para lhe confiar que lamentava, nestas circunstâncias, ter que limitar-se a enviar à Senhora Marquesa os seus sinceros respeitos. Menos de uma hora depois, voltava a não haver russos na fortaleza.

A família interrogava-se agora sobre uma futura oportunidade de exprimir ao Conde, de algum modo, a sua gratidão. Mas qual não foi o seu horror ao ter conhecimento de que este, no próprio dia em que partira da fortaleza, encontrara a morte num recontro com tropas inimigas. O mensageiro que trouxera esta notícia até M..., tinha visto com os seus próprios olhos o Conde, mortalmente ferido por uma bala que lhe atravessara o peito, ser transportado para P..., onde, segundo notícias seguras, tinha expirado no preciso momento em que os maqueiros o desciam dos ombros. O Comandante, que se dirigiu pessoalmente ao serviço postal para se informar sobre as circunstâncias exactas desta triste ocorrência, teve ainda conhecimento de que o Conde, no campo de batalha, no momento em que o tiro o tinha atingido, gritara: «Julietta! Esta bala vinga-te!» Depois, os lábios fecharam-se-lhe para sempre. A Marquesa estava inconsolável por ter deixado passar a oportunidade de se lançar aos pés do homem que a tinha salvo. Censurava-se vivamente por não o ter ido procurar pessoalmente aquando da recusa do Conde em aparecer no palácio e que ela julgava poder atribuir à sua modéstia. Lamentava a infeliz, sua irmã no nome, para quem ele voltara o pensamento no momento da morte; em vão se esforçou por descobrir-lhe o paradeiro para lhe dar a conhecer o triste, o doloroso acontecimento. Muitos meses se passaram antes que lhe fosse possível esquecê-lo.

A família precisou de deixar a residência do Comandante, para dar lugar a um General russo. A princípio pensaram se não deveriam retirar-se para as propriedades do Comandante, ideia para que muito se inclinava a Marquesa. Mas, como o Coronel não gostava da vida do campo, a família acabou por ir ocupar uma casa na cidade, mobilando-a de modo a poder servir de residência permanente. E tudo voltou ao antigo estado de coisas. A Marquesa retomou o ensino dos filhos, durante tanto tempo interrompido, procurando, nas horas de lazer, a companhia do cavalete e dos livros. Até que começou a sentir repetidas indisposições que a incapacitavam de aparecer em sociedade durante semanas seguidas, a ela que sempre parecera a deusa da saúde. Sofria de náuseas, de vertigens, desmaios, e não sabia que pensar de um estado tão estranho. Um dia, pela manhã, enquanto tomavam chá, ausentando-se o pai da sala por um momento, a Marquesa despertou do longo torpor em que se encontrava, para dizer à mãe: «Se qualquer mulher me dissesse que sentia o mesmo que senti agora, ao pegar na chávena, pensaria para comigo que ela estava grávida.» A Senhora de G... disse não compreender. A Marquesa explicou que acabara de experimentar uma sensação idêntica ao que sentira em tempos, quando estava grávida da segunda criança. Mas a mãe respondeu-lhe, rindo, que possivelmente daria à luz alguma quimera. No mínimo deveria ter sido Morfeu a engravidá-

-la, ou um dos sonhos que constituem o seu séquito, prosseguiu a Senhora de G..., no mesmo tom de brincadeira. Contudo, o Coronel regressou à sala e a conversa foi interrompida. Alguns dias depois, a Marquesa estava restabelecida e o assunto foi esquecido.

Emoção extraordinária foi a que a família experimentou, pouco tempo depois, numa altura em que também estava presente o Couteiro-Mor de G..., que era filho do Comandante. Entrou na sala um criado que lhes anunciou o Conde de F... «O Conde de F...!», gritaram ao mesmo tempo o pai e a filha. Depois, a surpresa emudeceu os presentes. O criado garantiu que ouvira e vira bem e que o Conde já estava na antecâmara à espera. De um salto, o Comandante levantou-se para abrir a porta e o Conde entrou, belo como um jovem deus. Trazia no rosto uma leve palidez. Passada esta cena de inimaginável espanto, o Conde, depois de ter assegurado que estava vivo em resposta aos pais da Marquesa que insistiam que ele estava morto, dirigiu-se à filha, com o rosto marcado por enorme emoção, começando por lhe perguntar de imediato como se sentia. Respondeu a Marquesa que se sentia muito bem, mas que estava impaciente por saber como tinha ele voltado à vida. Contudo, o Conde, que não perdia de vista o objecto das suas preocupações, retorquiu que ela lhe não estava a contar toda a verdade, que a sua expressão traía uma estranha fadiga, que,

ou ele muito se enganava, ou ela estava indisposta, doente. A Marquesa, a quem a cordialidade dele trouxera a boa disposição, concedeu que, se ele assim o desejasse, podia ver nessa fadiga o vestígio de uma falta de saúde que a afectara algumas semanas antes, mas que não receava que isso tivesse outras consequências. Ao que o Conde, com alegria transbordante, acrescentou que também não, perguntando-lhe logo de seguida se queria casar com ele. A Marquesa ficou sem saber o que devia pensar deste comportamento. Crescia-lhe o rubor nas faces; olhou para a mãe, a mãe olhou para o filho e para o pai, embaraçada. O Conde, entretanto, avançou para a Marquesa, pegou-lhe na mão como se a quisesse beijar e perguntou-lhe se tinha compreendido bem as suas palavras. O Comandante ofereceu-lhe uma cadeira, cordialmente, mas com alguma gravidade. «Em boa verdade», disse a Senhora de G..., «enquanto não nos revelar como conseguiu sair do túmulo em que jazia em P..., é natural que acreditemos tratar-se de um espírito.» O Conde sentou-se, libertando a mão da Marquesa, e começou por dizer que as circunstâncias o obrigavam a ser muito breve. Depois de ter sido gravemente ferido no peito, tinha sido transportado para P..., onde, durante vários meses, duvidara da possibilidade de sobreviver. Durante esse tempo, a Marquesa tinha-lhe ocupado completamente os pensamentos e não podia descrever o prazer e a dor que se entre-

laçavam nessa imagem. Depois de recuperado, voltara ao exército; era grande a agitação que o dominava e, por várias vezes pegara na pena com a intenção de escrever ao Coronel e à Marquesa em busca de alívio espiritual. Mas, subitamente, tinha sido enviado para Nápoles com alguns despachos. Não sabia ainda se, de Nápoles, não teria de partir para Constantinopla, e era até possível que tivesse de viajar para São Petersburgo. Durante todo esse tempo ser-lhe-ia impossível continuar a viver sem ter posto a claro uma imperiosa aspiração da sua alma. Ao atravessar a cidade de M..., não pudera resistir ao impulso de dar alguns passos nesse sentido. Resumindo, alimentava o desejo de que lhe fosse concedida a mão da Marquesa, e vinha pedir-lhe com o maior respeito, mas urgente e instantemente, que se declarasse favorável a esse desejo.

O Comandante, depois de um longo silêncio, acabou por responder que a pretensão, sendo séria, coisa de que não duvidava, era igualmente lisonjeira, mas que a filha, após a morte do marido, o Marquês de O..., tinha tomado a decisão de não voltar a casar. Contudo, uma vez que recentemente contraíra para com o Conde uma obrigação tão grande, não seria impossível que viesse a mudar a sua decisão indo ao encontro do desejo expresso; e, em nome dela, pediu que lhe fosse dado algum tempo de serena reflexão. O Conde garantiu que estas palavras de simpatia satisfaziam as esperanças que trouxera

consigo, que, em situação diferente, tais palavras o teriam deixado cheio de alegria e que sentia bem a inconveniência que havia em não ficar satisfeito com elas. Mas havia circunstâncias urgentes, sobre as quais não estava em condições de entrar em maior pormenor, que faziam com que desejasse em extremo obter uma resposta mais precisa. Os cavalos que o haviam de conduzir a Nápoles estavam ali, atrelados à carruagem. Pedia, pois, empenhadamente que alguém ou alguma coisa naquela casa falasse em seu favor — os seus olhos voltaram-se para a Marquesa —, e o não deixasse partir sem uma manifestação favorável aos seus desejos. O Coronel, um tanto surpreendido, respondeu-lhe que a gratidão que a Marquesa sentia por ele lhe dava direito a grandes esperanças, mas não a esperanças demasiado grandes; a filha não daria um passo em que se jogava a felicidade de uma vida inteira sem a conveniente circunspecção. Antes de lhe responder favoravelmente, era indispensável que a filha tivesse a felicidade de o conhecer melhor. Convidava-o, pois, a regressar a M... após a viagem e a aceitar por algum tempo a hospitalidade daquela casa. Se, nessa altura, a Marquesa considerasse poder ter esperanças de vir a ser feliz com ele, teria então a alegria de conhecer uma resposta precisa; mas antes não.

O Conde, ao mesmo tempo que o rubor lhe subia às faces, comentou que, durante toda a viagem, tinha previsto este desfecho para a im-

paciência do seu desejo e que agora se via mergulhado numa profunda tristeza. Um conhecimento mais próximo só poderia falar em seu abono, depois do papel ingrato que acabara de desempenhar. Quanto à sua reputação, se houvesse que levar em conta a mais dúbia das qualidades humanas, julgava poder responder por ela: a única acção indigna da sua vida ninguém a conhecia e estava decidido a repará-la. O Conde, em resumo, declarava ser um homem de honra e apenas pedia que lhe aceitassem o que dizia como garantia da verdade das suas palavras.

O Comandante, sorrindo, mas sem qualquer ironia, respondeu-lhe que subscreveria todas as afirmações que acabara de ouvir. Nunca tinha travado conhecimento com um jovem que, em tão poucos anos de vida, tivesse desenvolvido tantas e tão proeminentes qualidades de carácter. Começava a acreditar que um curto período de reflexão dissiparia a hesitação que ainda reinasse. Contudo, antes de conferenciar com a família do Conde e com a sua, não lhe podia declarar nada para além do que já dissera. Ao que o Conde respondeu que já não tinha pais e que era livre. Tinha um tio, o General K..., e podia responder desde já pelo seu consentimento. Acrescentou ainda que era senhor de uma fortuna respeitável e que estaria na disposição de adoptar por pátria a Itália.

O Comandante inclinou-se em sinal de cortesia, exprimiu-lhe uma vez mais a sua vontade

e pediu-lhe que, até à conclusão da viagem, se não falasse mais no assunto. O Conde, após breve silêncio durante o qual deixou transparecer todos os sinais de uma grande inquietação, dirigiu-se à Senhora de G..., dizendo que tinha feito tudo o que estava ao seu alcance para evitar esta viagem oficial e que as diligências que para tanto efectuara junto do Comandante em Chefe e do General K..., o seu tio, eram o que de mais decisivo poderia ter sido feito. Mas tinha sido entendido que a viagem seria um bom meio de o arrancar do estado de melancolia que lhe teria ficado do período de convalescença; a consequência era ver-se agora mergulhado em profunda tristeza.

A família não sabia o que dizer a propósito destas afirmações. O Conde prosseguiu, enquanto passava a mão pela testa; dizia que adiaria a viagem por um dia, ou mesmo por mais, se houvesse alguma esperança de se aproximar do seu objectivo. E, ao dizê-lo, fitava primeiro o Comandante, depois a Marquesa e, por fim, a mãe. O Comandante baixou os olhos, desagradado, e não respondeu. A esposa disse: «Parta, Senhor Conde! Parta! Vá a Nápoles e, depois, quando tiver regressado, ofereça-nos o prazer da sua presença durante algum tempo; o resto chegará naturalmente.» O Conde permaneceu sentado por um instante; parecia procurar descobrir o que devia fazer. Em seguida, levantando-se, afastou a cadeira. Uma vez que era obrigado a reconhecer

que as esperanças com que viera àquela casa eram prematuras e que a família, compreensivelmente, insistia num conhecimento mais íntimo, iria enviar os despachos que lhe tinham sido confiados ao Quartel-General em Z..., para que fossem expedidos por outra via. Poderia assim aceitar por algumas semanas o amável convite que lhe fora feito para se hospedar naquela casa. Segurando ainda a cadeira, de pé, junto à parede, imobilizado por um instante, encarou o Comandante. Este respondeu que lhe seria extremamente penoso verificar que a paixão que parecia ter ligado o Conde à sua filha lhe ia trazer consequências desagradáveis da mais séria ordem, mas que ele tinha obrigação de saber o que devia ou não fazer e que, portanto, podia devolver os despachos e ocupar o quarto que lhe fosse destinado. Ao ouvir estas palavras, o Conde empalideceu visivelmente; beijou a mão à Senhora de G..., respeitosamente, inclinou-se frente aos restantes e afastou-se.

Depois de o Conde ter deixado a sala, a família ficou sem saber o que havia de pensar deste acontecimento. A mãe disse que não era, por certo, possível que ele fosse devolver os despachos que devia levar a Nápoles, apenas por não ter tido êxito na obtenção de um sim de uma senhora que lhe era desconhecida, ainda por cima, numa conversa de cinco minutos, de passagem pela cidade. O Couteiro-Mor opinou que um acto tão irreflectido seria punido, pelo menos,

com a detenção do oficial que o praticasse. «Seguida de despromoção», acrescentou o Comandante. «Mas não deve correr esse risco», prosseguiu. Em sua opinião, tratava-se apenas de um tiro de alarme, e o Conde havia de recuperar o bom senso antes de proceder à devolução dos despachos. Ao ter conhecimento dos riscos, a mãe exprimiu a mais viva apreensão relativamente a uma tal devolução. Achava que aquela vontade tão obsessiva era perfeitamente capaz desse acto. Pediu então com veemência ao filho que fosse imediatamente no seu encalço e o demovesse daquele gesto infeliz. Respondeu o Couteiro-Mor que essa diligência teria o efeito oposto, fortalecendo-lhe a esperança de vencer por intermédio do seu estratagema. Era também a opinião da Marquesa, embora estivesse convencida de que mesmo sem essa diligência o Conde acabaria infalivelmente por devolver os despachos, já que preferiria suportar as infelizes consequências desse acto a dar qualquer prova de fraqueza. Todos concordavam que o comportamento do Conde era muito estranho e que parecia estar habituado a conquistar corações femininos de assalto, como quem conquista fortalezas. Foi neste instante que o Comandante reparou que o carro atrelado do Conde ainda se encontrava frente à porta. Chamou a família até à janela e, admirado, perguntou a um criado que acabava de entrar na sala se o Conde ainda estava no edifício. O criado respondeu que estava lá em

baixo, na sala do pessoal, em companhia de um ajudante-de-campo, a escrever cartas e a selar alguns pacotes. O Comandante, que procurava dominar a perplexidade que o assaltava, apressou-se a descer, acompanhado pelo filho, e, vendo que o Conde tratava dos seus assuntos sobre uma mesa pouco apropriada, perguntou-lhe se não queria ir para o quarto que lhe estava destinado e se não teria quaisquer ordens a dar. O Conde, sem parar de escrever com rapidez, respondeu que agradecia humildemente, mas que o assunto que o ocupava estava no fim. E, enquanto lacrava a carta, perguntou as horas. Depois de entregar ao ajudante-de-campo a pasta, desejou-lhe boa viagem. Ao mesmo tempo que o ajudante-de-campo se preparava para sair, o Comandante, que não acreditava no que os seus olhos viam, dirigiu-se-lhe de novo, dizendo: «Senhor Conde, se lhe não assistem razões muito fortes...» «Razões decisivas!», atalhou o Conde, afastando-se para acompanhar o ajudante-de-campo ao transporte e lhe abrir a porta. «Nesse caso, em meu entender, os despachos deviam ser...» Ao que o Conde logo respondeu, enquanto ajudava o seu subalterno a tomar lugar: «Não é possível! Também pensei nisso, mas, sem a minha presença em Nápoles os despachos não teriam validade. Partam!» O ajudante-de-campo, inclinando-se através da porta da carruagem, ainda perguntou: «E as cartas do Senhor Vosso tio?» Ao que o Conde respondeu: «Encontrar-me-ão aqui, em M...!»

«Partamos!», disse o subalterno, e a viatura afastou-se.

Posto isto, dirigindo-se ao Comandante, o Conde de F... perguntou se não se importava de mandar que o levassem ao quarto. Ainda desconcertado, o Coronel respondeu que teria muita honra em fazê-lo pessoalmente, e deu indicações aos seus criados e aos do Conde para que transportassem as bagagens ao andar de cima. Conduziu-o aos aposentos destinados aos hóspedes e despediu-se com alguma secura no rosto. O Conde mudou de roupa e saiu de casa para ir apresentar-se ao Governador Militar; durante o resto do dia não foi visto em casa e só regressou momentos antes do jantar.

Entretanto, a família andava vivamente agitada. O filho dava conta da forma definitiva como o Conde tinha respondido às observações do Comandante. Em sua opinião, tal comportamento tinha todo o aspecto de um passo inteiramente premeditado, embora o intrigassem as possíveis causas de um pedido de casamento feito em velocidade de mala-posta. Quanto ao Comandante, dizia nada perceber de tudo aquilo e convidou a família a não falar mais no assunto na sua presença. Por seu lado, a mãe olhava constantemente pela janela, na esperança de que o Conde voltasse para reconhecer quanto de impensado havia no seu gesto e reparar a situação. Por fim, já ao cair da noite, veio sentar-se junto da Marquesa que, sentada a uma mesa, se deixara

absorver pelo trabalho e parecia querer evitar a conversa. Em voz baixa, e enquanto o pai andava de cá para lá, perguntou-lhe o que achava que se ia passar. Olhando timidamente para o Comandante, respondeu a Marquesa que, se o pai o tivesse conseguido convencer a partir para Nápoles, tudo estaria bem. «Para Nápoles!», gritou o Comandante. «Talvez devesse ter mandado chamar o Padre. Ou devia tê-lo fechado ou mandado prender, para depois o enviar para Nápoles, sob escolta?» «Não», respondeu a Marquesa, «mas há argumentos com peso e força suficientes para serem eficazes.» Estava contrariada e voltou a mergulhar no trabalho.

Ao princípio da noite, finalmente, o Conde regressou. Todos esperavam que, depois das normais trocas de amabilidades, o assunto voltasse à fala. As forças conjuntas dos membros da família obrigá-lo-iam a render-se e a retroceder no caminho empreendido, se ainda fosse possível. Mas foi em vão que, durante todo o jantar, esperaram pela oportunidade. Evitando deliberadamente tudo o que aí pudesse conduzir, o Conde conversava com o Comandante sobre a guerra e com o Couteiro-Mor sobre caça. Ao mencionar o recontro de P..., em que tinha sido ferido, a esposa do Comandante convidou-o a contar como se passara a convalescença, como tinha sido a permanência nessa pequena localidade e se tinha encontrado os cuidados necessários. A paixão do Conde pela Marquesa emprestava

grande interesse ao que contou em resposta a essa solicitação: como a tinha visto permanentemente sentada junto ao leito; como constantemente lhe tinha acontecido confundir, nos momentos de febre alta, a imagem da Marquesa com a de um cisne que vira em pequeno nas propriedades do tio. Particularmente forte era a recordação de que em dada altura lhe tinha atirado lama, tendo o cisne mergulhado em silêncio, para depois emergir da corrente, completamente branco. Agora, no seu delírio, via constantemente a Marquesa a nadar em correntes de fogo, chamava-a pelo nome de Tinka, o do cisne, mas não conseguia atraí-la até si; enquanto isto, a única alegria dela era deslizar e mergulhar. De súbito, o Conde, com as faces ruborizadas, interrompeu-se para testemunhar à Marquesa o seu imenso amor; depois, pousou os olhos no prato e calou-se. Por fim, chegou o momento de se levantarem da mesa. O Conde, depois de uma rápida troca de palavras com a mãe da Marquesa, inclinou-se perante os presentes e voltou para o quarto, deixando-os sem saber que pensar. O Comandante era de opinião que era preciso deixar que o assunto seguisse o seu curso. Provavelmente, ao falar assim, contava com a família. A alternativa continuava a ser uma desonrosa despromoção. A Senhora de G... perguntou à filha o que pensava dele. Se não poderia consentir em fazer qualquer declaração que pudesse evitar um desastre. «Querida mãe», respondeu a Marquesa, «não é possí-

vel. Entristece-me que a minha gratidão seja posta à prova desta maneira, tão duramente. Mas a minha decisão foi a de não voltar a casar. Não quero que a minha felicidade seja posta em jogo pela segunda vez e, ainda por cima, de um modo tão apressado.» O irmão fez notar que, se essa era a sua vontade inabalável, então, sabê-lo seria útil ao Conde; aliás, tudo indicava que era necessário dar-lhe uma resposta concreta. Uma vez que aquele jovem tinha exprimido a sua vontade de vir residir para Itália, opinava a mãe, o pedido que fizera merecia alguma consideração, tal como a decisão da Marquesa merecia ser mais meditada. Sentando-se junto da Marquesa, o irmão perguntou-lhe se a figura do Conde lhe agradava. «Agrada-me e desagrada-me», respondeu ela com algum embaraço, fazendo seu o sentimento geral. «Quando ele voltasse de Nápoles», quis saber a mãe, «e se as informações que entretanto recolhêssemos não contrariassem a opinião que tens dele, que resposta lhe darias, no caso de renovar o seu pedido?» «Nesse caso», respondeu a Marquesa, «...já que o seu desejo parece tão ardente, não deixaria de... — emudeceu por um momento e os olhos brilhavam-lhe quando prosseguiu — não deixaria de satisfazer esse desejo, por amor da obrigação que contraí para com ele.» A mãe, que sempre desejara um segundo casamento da filha, tratou de conter a alegria que estas palavras lhe davam e ficou a imaginar o que dali adviria. Quanto ao irmão,

voltando a levantar-se do lugar com visível inquietação, disse que, se a Marquesa chegava a pensar na possibilidade de vir um dia a proporcionar ao Conde a alegria de receber a sua mão, então devia ser dado imediatamente algum passo no sentido de modificar as consequências da louca atitude que ele tomara. A mãe era da mesma opinião e achava que, afinal, não havia grande risco a correr, já que não era de temer que um homem de tantas qualidades como as que o Conde evidenciara na noite em que a fortaleza tinha sido tomada pelos russos viesse a modificá-las no decurso da vida. Com a expressão carregada de viva inquietação, a Marquesa mantinha os olhos em baixo. Mas a mãe prosseguiu, tomando a mão da filha entre as suas: «Podíamos dar-lhe a entender que estarias disposta a não encetar outra ligação.» «Querida mãe», respondeu a Marquesa, «posso dar-lhe essa garantia, mas temo que não seja suficiente para o sossegar e que ainda nos possa vir complicar as coisas.» «Deixa isso comigo!», disse-lhe a mãe, visivelmente satisfeita. «Que achas, Lorenzo?», perguntou, dirigindo-se ao Comandante e fazendo menção de se levantar. O Comandante que tinha estado a ouvir tudo em pé, junto à janela, continuava a olhar para a rua sem nada dizer. O filho dispôs-se a fazer com que uma tal declaração inofensiva afastasse o Conde daquela casa. «Pois bem: faz isso! Faz! Faz!», bradou o pai, voltando-se. «Terei de me render a esse russo pela segunda vez!»

A mãe quase saltou da cadeira, beijou o marido e a filha e perguntou como se trataria agora de levar rapidamente a notícia ao conhecimento do Conde. Uma tal prontidão, entretanto, despertou no pai da Marquesa um sorriso. Por proposta do Couteiro-Mor, decidiram solicitar ao Conde o favor de se lhes juntar por alguns minutos, caso não estivesse já deitado. O Conde mandou dizer que teria muito gosto em ir ter com eles imediatamente. Mal o criado de quarto tinha acabado de transmitir esta resposta, entrava o próprio Conde na sala, como se voasse de alegria. Caiu aos pés da Marquesa, no meio da mais intensa das emoções. O Comandante queria falar, mas o Conde, levantando-se, afirmou-lhe que sabia já o suficiente. Beijou-lhe a mão, depois a da esposa, abraçou o irmão da Marquesa e acrescentou que se limitava a pedir a amabilidade de o ajudarem a arranjar um transporte. A emoção que esta cena estava a provocar na Marquesa não a impediu de dizer: «Senhor Conde, tenho receio de que as suas súbitas esperanças o tenham levado longe demais...» «Não, não!», replicou o Conde. «Garanto-lhe que será como se nada se tivesse passado, se as informações que sobre mim recolherem vierem a contradizer o sentimento que agora vos ditou o meu regresso a esta sala.» O Comandante abraçou-o com a maior cordialidade, o Couteiro-Mor ofereceu-lhe imediatamente o seu próprio transporte e foi enviado

um caçador ao posto de correios para requisitar, mediante prémio de seguro, cavalos do serviço postal. Havia em torno desta partida uma alegria superior à que costuma acompanhar qualquer chegada. Dizia o Conde que esperava poder recuperar os despachos em B... e que daí partiria para Nápoles, por caminho mais directo que o que tomara para passar por M... Em Nápoles faria tudo o que estivesse ao seu alcance para declinar a continuação da viagem até Constantinopla. Aliás, como estava decidido, em último caso, a declarar-se doente, podia assegurar-lhes que dentro de quatro a seis semanas, estaria infalivelmente de regresso a M..., a não ser que algum contratempo absolutamente inevitável o retivesse. O caçador regressou e comunicou que o transporte estava atrelado e tudo pronto para a partida. O Conde pegou no chapéu, avançou até à Marquesa e pegou-lhe na mão dizendo: «Pois bem, Julietta, vou relativamente descansado, embora o meu maior desejo fosse casar-me consigo antes da minha partida.» «Casar!», foi a exclamação simultânea de todos os membros da família. «Sim, casar-me com ela!», repetiu o Conde. Beijou a mão à Marquesa e, como esta lhe perguntasse se estava em si, assegurou-lhe que o dia viria em que havia de compreender este seu comportamento. A família estava a ponto de se aborrecer mas, de imediato, o Conde despediu-se calorosamente de todos, pediu-lhes que não continuassem a pensar nestas últimas palavras e partiu.

Decorreram várias semanas durante as quais a família se dividiu em opiniões muito diversas sobre o resultado desta singular ocorrência. O Comandante recebeu uma carta de cortesia do General K..., o próprio Conde escreveu de Nápoles e as informações recolhidas pela família sobre ele falavam francamente em seu favor. Em suma, o noivado era já considerado como assunto resolvido. Até que os achaques da Marquesa voltaram, com maior gravidade que antes. Ela própria notava que alguma coisa de inacreditável se estava a passar com a sua aparência. Falou com a mãe com total franqueza, abertamente, e disse-lhe que não sabia o que havia de pensar do seu estado. A mãe, que devido a estas estranhas crises, andava extremamente preocupada com a saúde da filha, exigiu-lhe que consultasse um médico. Mas, a Marquesa, convencida de que a sua própria natureza triunfaria da doença, manifestou imediatamente a sua oposição. Passou ainda vários dias debaixo de grande sofrimento, sem seguir o conselho da mãe, até que uma sensação muito estranha e repetida veio mergulhá-la num estado de viva inquietação. Mandou então chamar um médico que gozava da confiança do pai, fê-lo sentar-se no canapé e, depois de breve introdução, não estando a mãe presente, confessou-lhe, gracejando embora, o que achava que se passava consigo. O médico lançou-lhe um olhar interrogativo. Depois de a ter observado minuciosamente permaneceu calado algum tempo. Por fim,

com um semblante grave, respondeu que a opinião da Senhora Marquesa era perfeitamente correcta. Mas, como a Marquesa lhe tivesse perguntado o que queria dizer com aquelas palavras, o médico explicou com toda a clareza e, por entre um sorriso que não pôde evitar, acrescentou que ela estava de perfeita saúde e que não precisava dos cuidados de um médico. A Marquesa olhou-o de lado, com uma expressão de severidade, puxou a sineta e pediu-lhe que se retirasse. A meia voz, como se não valesse a pena falar com ele, murmurou que não estava na disposição de gracejar com assuntos desta natureza. Sentido, o doutor respondeu-lhe que não podia deixar de lhe desejar que estivesse sempre tão pouco disposta a gracejos como neste momento. Pegou no chapéu e na bengala e fez menção de se despedir de imediato. Garantiu-lhe a Marquesa que o pai seria informado destas palavras ofensivas, ao que o médico retorquiu que o que dissera podia repeti-lo em tribunal, sob juramento. Abriu a porta, curvou-se e dispôs-se a sair. Mas como precisou de se baixar para apanhar uma luva que deixara cair, a Marquesa ainda lhe pôde perguntar: «Mas, como seria isso possível, Doutor?» Respondeu-lhe o médico que não era obrigado a explicar-lhe as razões últimas das coisas; curvou-se uma vez mais e saiu.

A Marquesa ficou como se tivesse sido tocada por um raio. Encheu-se de coragem e dispôs-se a ir imediatamente ter com o pai; no entanto,

paralisava-a a imagem do semblante extremamente sério daquele homem por quem se sentia ultrajada. Na maior agitação, lançou-se sobre o canapé. Desconfiando de si própria, percorreu mentalmente todos os momentos do último ano e, quando chegou aos acontecimentos mais recentes, perguntou a si mesma se não estaria louca. Finalmente, entrou a mãe; quando lhe perguntou a que se devia aquela inquietação, a Marquesa contou o que o médico lhe revelara momentos antes. A Senhora de G... apelidou-o de indigno, de desavergonhado, e apoiou a decisão da filha de dar a conhecer ao Coronel essa ofensa. A Marquesa sublinhou que o médico não estava a brincar e que parecia decidido a repetir a sua assustadora suposição na cara do Comandante. A mãe, não menos assustada, perguntou-lhe se, afinal, acreditava na possibilidade de ser esse o seu estado. «Mais depressa acreditaria que os túmulos pudessem ser fecundados e que os ventres dos cadáveres pudessem dar à luz!» «Então, que há que te possa preocupar, a ti, minha querida filha, que és uma mulher maravilhosa?» E a mãe prosseguia: «Se a tua consciência está limpa, como pode preocupar-te a opinião de um homem ou, ainda que fosse, a de toda uma junta médica? Não te será indiferente que tal opinião seja fruto de erro ou de maldade? Em todo o caso, é conveniente revelar tudo isto ao teu pai.» «Meu Deus!», exclamou a Marquesa num gesto convulsivo. «Como posso deixar de me inquietar? Pois se

tenho contra a minha certeza isto que sinto dentro de mim e que conheço demasiado bem. Se me contassem que outra mulher sentia o mesmo, não teria dúvida em pensar que a suposição do médico era correcta.» «Isto é terrível», interrompeu a mãe. Mas a Marquesa continuou: «Maldade! Erro! Mas que motivos poderia ter este homem, que até ao dia de hoje sempre nos pareceu digno de estima, para me vir mortificar assim, de um modo tão deliberado e humilhante? A mim, que nunca o ofendi; que o recebi com confiança e com antecipado reconhecimento. A mim, a quem as primeiras palavras que dirigiu testemunhavam uma clara e insuspeitável vontade de prestar auxílio e não de provocar um sofrimento ainda mais cruel que aquele que já me afligia.» E, enquanto a mãe mantinha o olhar fixo sobre ela, a Marquesa prosseguia: «E, supondo que escolhia a possibilidade de se tratar de um erro? Mas haverá alguma possibilidade de um médico, ainda que apenas medianamente competente, errar nestes casos?» A Senhora de G..., com alguma frieza respondeu: «E, contudo, só pode ser uma dessas duas coisas!» «Sim, minha querida mãe!», retorquiu a Marquesa, beijando-lhe a mão, ao mesmo tempo que a expressão de uma dignidade ofendida lhe queimava as faces. «Assim é, mãe, e contudo as circunstâncias são tão extraordinárias que me é permitido duvidar. Juro-vos, uma vez que esta situação exige que seja dada uma garantia, juro-vos que a minha consciência está tão

limpa como a dos meus filhos. A vossa, venerada mãe, não o pode estar mais. E, apesar disso, peço-vos que me deixeis mandar chamar uma parteira; é preciso que eu saiba ao certo o que é, e depois, seja o que for, ficarei mais descansada.» «Uma parteira!», exclamou a mãe, escandalizada. «Uma consciência limpa e uma parteira?» E a Senhora de G... ficou sem fala. «Sim, querida mãe, uma parteira», repetiu a Marquesa, lançando-se de joelhos aos pés da mãe. «De imediato, para que eu não enlouqueça!» «Com certeza; mas peço-te que não trates dessas coisas na minha casa», respondeu-lhe a mãe e levantou-se, preparando-se para sair da sala. A Marquesa correu atrás dela, de braços abertos, caiu para diante e ficou agarrada aos joelhos da mãe. Com aquela eloquência que uma dor profunda pode suscitar, a Marquesa prosseguia: «Se uma vida completamente irrepreensível, uma vida conduzida sobre o modelo da vossa, me der o direito de esperar a vossa estima, se dentro de vós, minha mãe, habita ainda, enquanto se não tornar claro que haja de facto alguma culpa que me envergonhe, uma réstea de sentimento maternal que me possa defender, então, mãe, não me abandoneis neste momento terrível.» «Mas, afinal, que te preocupa? É apenas o veredicto do médico? Será apenas essa sensação interior de que falas?» «Apenas isso, minha mãe», respondeu-lhe a Marquesa levando a mão ao peito. «E mais nada, Julietta? Pensa bem! Um mau passo, por indizível que fosse a dor que

havia de me causar, acabaria por ser tolerado, mesmo perdoado. Mas se, para escapares à condenação da tua mãe, te decidisses a inventar uma história dessas que invertem a ordem natural das coisas, se enveredasses por uma acumulação de juramentos sacrílegos, na tentativa de impor uma invenção dessas ao meu coração que está sempre pronto a acreditar em ti, isso sim, seria vergonhoso e nunca mais contarias comigo.» «Assim possam as portas do Reino da Redenção abrir-se perante mim tanto quanto a minha alma se abre perante vós!», respondeu-lhe a Marquesa. «Mãe, não vos escondi nada!» O patético destas palavras chocou a mãe. «Céus! Minha querida filha! Como tu me comoves!» Ajudou-a a levantar-se, beijou-a e apertou-a contra o peito. «Mas, meu Deus, que temes tu? Anda, vem. Estás muito doente.» Queria levá-la para a cama. Mas a Marquesa, que chorava copiosamente, assegurava-lhe que estava de saúde, que não sofria de nada a não ser deste estado estranho e incompreensível. «Estado!», replicou a mãe. «Mas que estado? Se a tua memória está tão certa do passado, que delírio de angústia é esse que te assalta? Essa tua sensação interior, que afinal não passa de uma coisa obscura, não estará a enganar-te?» «Não! Não!», respondeu a Marquesa. «Não me engana! E, se mandardes chamar a parteira, ficareis a saber que é verdade esta coisa terrível que me destrói.» «Vem, minha querida filha», disse a mãe, que começava a temer pela razão da Marquesa. «Vem comigo,

vem deitar-te. Que contavas tu, há pouco, que o médico tinha dito? Que vermelhas estão as tuas faces! E como tremes, minha filha! Que foi que o médico disse?» E foi levando a Marquesa consigo, sem saber como acreditar no que a filha contara. Mas esta respondeu-lhe, sorrindo, por entre lágrimas: «Querida mãe! Adorada mãe! Estou no meu perfeito juízo. O médico disse-me que estou grávida. Mandai chamar a parteira. Logo que ela disser que não é verdade, voltarei a ficar descansada. «Está bem, está bem!», respondeu-lhe a Senhora de G..., procurando reprimir a angústia que a assaltava. «Virá imediatamente. Se queres que ela venha rir-se de ti, que te venha dizer que andas a sonhar e que não estás muito bem da cabeça, mandamo-la vir já.» Puxou a sineta e mandou um criado chamar prontamente a parteira.

Quando a mulher apareceu, a Marquesa, ofegante de inquietação, continuava nos braços da mãe. A Senhora de G... fez-lhe saber as estranhas imaginações que atormentavam a filha. A Marquesa jurou que nunca faltara à virtude do seu comportamento, mas que, contudo, assaltada por uma sensação incompreensível, achava necessário que uma mulher conhecedora destes assuntos a examinasse. A parteira, enquanto procedia às suas investigações, falava do sangue da juventude e da perfídia do mundo. Terminada a sua tarefa, acrescentou que já lhe tinham aparecido casos semelhantes: as jovens viúvas em situação idên-

tica declaravam sempre ter vivido em ilhas desertas. Entretanto, sossegava a Senhora Marquesa e garantia-lhe que o valente corsário que desembarcara uma noite, havia de ser rapidamente encontrado. Ao ouvir estas palavras, a Marquesa perdeu os sentidos. A Senhora de G..., que não podia conter os seus sentimentos maternos, com a ajuda da parteira, fê-la voltar a si. Mas, logo que a viu acordada, sobrepôs-se a indignação e disse-lhe, profundamente magoada: «Julietta! Quererás, finalmente, abrir-te comigo? Queres dizer-me quem é o pai?» A mãe parecia ainda disposta a perdoar, mas quando a Marquesa respondeu que devia estar a enlouquecer, levantou-se do canapé e, antes de sair da sala, disse-lhe: «Vai! Vai! Não és digna! Maldita a hora em que te dei à luz!»

A Marquesa, que só desejava voltar a perder os sentidos, puxou a parteira para junto de si e, toda ela tremendo, encostou a cabeça ao peito da mulher. Por entre soluços, perguntou-lhe quais as leis a que a natureza obedece, se seria possível conceber em desconhecimento da causa. A parteira sorriu, desapertou-lhe o xaile e respondeu que não era esse, por certo, o caso da Senhora Marquesa. «Não, não», replicou a Marquesa, e prosseguiu dizendo que tinha engravidado em consciência, mas que queria saber se, em geral, esse fenómeno fazia parte da ordem natural das coisas. Ao que a parteira respondeu que, tirando a Virgem Santa, não tinha existido

sobre a Terra outra mulher a quem tal tivesse acontecido. A Marquesa tremia cada vez mais. Acreditava já que podia dar à luz de um momento para o outro e, agarrando-se à mulher com uma angústia convulsiva, pediu-lhe que a não abandonasse. A parteira acalmou-a; garantiu-lhe que o parto ainda vinha consideravelmente longe, indicou-lhe os meios que nessas situações se podem usar para escapar às bocas do mundo e disse-lhe que, em sua opinião, tudo se havia de recompor. Mas estes propósitos consoladores atravessavam o peito da infeliz como golpes de punhal. Apesar disso, a Marquesa ganhou coragem, disse que se sentia melhor e pediu à mulher que se retirasse.

Mal a parteira tinha saído, vieram trazer-lhe uma mensagem da mãe, em que esta lhe fazia saber que o Senhor de G..., vistas as presentes circunstâncias, desejava que a Marquesa abandonasse aquela casa. Enviava-lhe os documentos relativos às propriedades que só a ela pertenciam e esperava que Deus lhe poupasse o sofrimento de a voltar a ver. Pelo meio, a carta estava manchada por lágrimas e, num dos cantos, havia uma palavra meio apagada: «Ditada.» Lágrimas de dor corriam dos olhos da Marquesa. Dirigiu-se aos aposentos da mãe, chorando copiosamente o erro dos pais e a injustiça a que pessoas tão boas como eles tinham sido conduzidas. Disseram-lhe que a mãe estava com o Comandante; hesitante, a Marquesa avançou para os aposentos do pai. Ao dar

com a porta fechada, tombou no chão. Com a voz repassada de sofrimento pedia a todos os Santos que viessem testemunhar a sua inocência. Já estava ali possivelmente há alguns minutos, quando o Couteiro-Mor saiu dos aposentos do pai e lhe disse, com um olhar fulminante, que o Comandante a não queria ver. «Meu querido irmão!», gritava a Marquesa, por entre soluços. Depois, entrando pela antecâmara, exclamou: «Meu adorado pai!» E estendeu os braços na direcção do Comandante. Mas este, ao vê-la, virou-lhe as costas e deu-se pressa de passar ao quarto contíguo. Como ela o seguisse, gritou-lhe: «Fora daqui!» Tentou o pai atirar com a porta, mas, por entre gemidos e súplicas, a Marquesa impedia-o de a fechar; de súbito, o Comandante desistiu e dirigiu-se para o fundo do quarto. A Marquesa seguiu-o, lançou-se aos pés do pai que lhe virara uma vez mais as costas e, sempre a tremer, abraçou-o pelos joelhos. Subitamente, a pistola que o Coronel acabara de retirar da parede disparou-se e a bala foi alojar-se no tecto com estrondo.

«Deus da minha vida!», gritou a Marquesa. Levantou-se, lívida, e precipitou-se para fora dos aposentos do pai. Dirigindo-se ao seu quarto, deu ordem para que fossem atrelar os cavalos a um dos carros. Pálida como um cadáver, sentou-se num cadeirão, começou a vestir as crianças apressadamente e deu indicações para que fossem empacotadas as coisas que lhe pertenciam. Estava

ela precisamente com a mais pequena das crianças ao colo, colocando-lhe um xaile sobre os ombros, para a viagem, uma vez que tudo estava pronto para partirem, quando o Couteiro-Mor entrou para lhe comunicar que, por ordem do pai lhe vinha exigir que deixasse as crianças e lhas entregasse. «Estas crianças?», perguntou a Marquesa, pondo-se em pé. «Vai dizer ao teu desumano pai que pode vir aqui disparar contra mim, mas que não conseguirá arrancar-me estas crianças!» Fortalecida por aquele orgulho que deriva da inocência, pegou nas crianças ao colo e levou-as para o carro, sem que o irmão ousasse impedi-la. E a Marquesa partiu.

Sentindo que este belo acto de coragem lhe tinha vindo revelar uma faceta de si mesma que desconhecia, a Marquesa como que se arrancou por suas próprias mãos das profundezas para onde o destino a tinha atirado. O tumulto que lhe rasgava o peito abandonou-a quando já se encontrava fora da cidade. Beijou por várias vezes as crianças, como se fossem uma espécie de troféus que só a ela pertenciam, e, satisfeita consigo mesma, pensava na vitória que acabara de alcançar sobre o irmão, armada apenas com a força da sua consciência limpa. E permitia que a razão, embora suficientemente sólida para não deixar de ter presente a situação difícil em que se encontrava, fosse cativada por tudo o que há de grande, de sagrado e de inexplicável nas leis do universo. Compreendia a impossibilidade de

convencer a família da sua inocência, mas não esquecia a necessidade de se conformar, caso não quisesse deixar-se abater. Poucos dias transcorridos sobre a sua chegada a V..., já a dor tinha cedido completamente o lugar à resolução corajosa de envergar uma armadura de orgulho contra os ataques do mundo. Decidiu recolher-se no mais íntimo de si mesma, entregar-se com inexcedível ardor à educação das duas crianças e cuidar com todo o amor materno da terceira que Deus agora lhe enviava. Tomou algumas disposições no sentido de que, dentro de algumas semanas, uma vez terminado o período de repouso a que agora estava obrigada, fosse recuperada a bela casa de campo que estava bastante decaída, devido à sua longa ausência. Sentava-se no pavilhão existente no jardim e, enquanto tricotava pequenos gorros e meias para pés minúsculos, imaginava a maneira mais agradável de distribuir as divisões da casa; qual delas teria as paredes cobertas de livros, qual delas conviria melhor à colocação do cavalete. E assim, antes ainda de ter decorrido o tempo que o Conde de F... devia demorar na sua viagem, já a Marquesa estava completamente familiarizada com o seu destino que agora era o de um recolhimento monástico perpétuo. O porteiro recebeu ordem de não admitir ninguém em casa. Era-lhe insuportável imaginar que a criança que concebera na maior das inocências, em total pureza, e cuja origem, precisamente por ser mais misteriosa, também lhe

parecia ser mais divina que a das outras pessoas, pudesse vir a ser marcada com uma mancha vergonhosa no meio da sociedade burguesa. Lembrou-se então de um processo deveras singular para descobrir o pai da criança; um processo tal que, quando lhe ocorreu ao espírito pela primeira vez, com o susto, deixou cair das mãos as agulhas. Durante noites inteiras, passadas em agitada insónia, esse projecto rodopiava-lhe no espírito à procura de uma acomodação à sua natureza íntima, já que era contrário aos seus sentimentos. Continuava a resistir à ideia de manter qualquer tipo de relação com o homem que tinha abusado dela de um modo tão ignóbil; não tinha qualquer dúvida em concluir que tal homem devia pertencer, sem possibilidade de resgate, ao lixo da sua espécie, e, fosse qual fosse o nível social a que pertencesse, só podia ter saído do esterco mais baixo e mais sórdido. Contudo, como continuava a fortalecer-se o sentimento de independência que nascera dentro dela e como acreditava que uma pedra preciosa não perde o seu valor seja qual for o engaste, um dia, pela manhã, tendo voltado a sentir os movimentos daquela pequenina vida que trazia consigo, encontrou a coragem suficiente para mandar sair nos anúncios do jornal de M... o singular apelo que foi lido na abertura deste conto.

Entretanto, o Conde de F..., retido em Nápoles por assuntos a que não podia furtar-se, tinha escrito à Marquesa uma segunda carta, con-

vidando-a a manter-se fiel à declaração que implicitamente lhe concedera, fossem quais fossem as novas circunstâncias que pudessem surgir. Conseguiu que a viagem oficial a Constantinopla lhe não fosse confiada e, logo que as outras ocupações lho permitiram, partiu imediatamente de Nápoles e chegou a M... apenas com alguns dias de diferença em relação à data que tinha fixado.

Recebeu-o o Comandante com visível embaraço, disse-lhe que um assunto inadiável o obrigava a sair e pediu ao filho que, entretanto, fizesse companhia ao Conde. O Couteiro-Mor levou-o ao quarto e, depois de breves palavras de boas-vindas, perguntou-lhe se já sabia o que se tinha passado em casa do Comandante durante o tempo que estivera ausente em Nápoles. Empalidecendo subitamente, o Conde respondeu que não. O Couteiro-Mor falou-lhe então da vergonha que a Marquesa lançara sobre a família e contou em pormenor aquilo que os nossos leitores já sabem. O Conde bateu com a mão na testa e, como se se tivesse esquecido da sua dignidade, disse: «Colocaram-me tantos obstáculos para quê? Se o casamento tivesse tido lugar imediatamente teríamos sido poupados a esta ignomínia, a esta tristeza!» O Couteiro-Mor, que o encarava de olhos esbugalhados, perguntou-lhe se estava louco para desejar casar-se com aquela desgraçada. Ao que o Conde respondeu que ela teria certamente mais valor que o resto do mundo que agora a desprezava; que,

pelo seu lado, acreditava totalmente nas explicações da Marquesa e na sua inocência e que, ainda nesse mesmo dia, partiria para V..., para lhe ir repetir a mesma proposta. Pegou de imediato no chapéu, apresentou as despedidas ao Couteiro-Mor, que continuava a achar que o Conde devia estar completamente fora de si, e saiu.

Subiu para o cavalo e partiu em direcção a V... Quando desmontou frente ao portão, disposto a entrar no pátio, o porteiro veio dizer-lhe que a Senhora Marquesa não recebia ninguém. Perguntou o Conde se essa decisão, destinada por certo a estranhos, também se aplicava a um amigo da casa. Ao que o porteiro respondeu que não tinha conhecimento de quaisquer excepções; mas, de imediato, perguntou-lhe de forma indirecta se não seria por acaso o Conde de F... Mas o Conde, olhando-o fixamente, respondeu que não. Virou-se para o ordenança e disse-lhe, de modo a poder ser ouvido pelo porteiro, que, dadas as circunstâncias, pararia numa estalagem e escreveria à Marquesa, fazendo-se anunciar. Mas, mal deixou de ver o homem, contornou uma esquina, esgueirou-se ao longo do muro de um amplo jardim que se estendia por detrás da casa. Entrou no jardim por um portão que encontrou aberto e avançou pelas áleas. Preparava-se para subir a rampa de acesso das traseiras, quando olhou para um pavilhão lateral e viu a Marquesa, com a sua figura simultaneamente grácil e misteriosa, sentada junto de uma mesinha e completamente

ocupada no seu trabalho. Aproximou-se de modo a que ela o não pudesse avistar antes de ter chegado à entrada do pavilhão; dois ou três passos apenas os separavam. «O Conde de F...!», exclamou a Marquesa ao levantar os olhos; o rubor da surpresa inundou-lhe o rosto. O Conde sorriu e ficou ainda por um momento à entrada, imóvel. Depois sentou-se junto dela, com um à-vontade suficientemente discreto para que a Marquesa não precisasse de se assustar e, antes que ela, colocada em situação tão estranha, tivesse tempo de tomar qualquer atitude, passou-lhe o braço em volta do corpo. «Donde saiu, Senhor Conde? Como é possível?», perguntava a Marquesa, com os olhos timidamente fixos no chão. Disse o Conde que vinha de M... e apertou-a contra si com enorme ternura. «Entrei por um portão das traseiras que encontrei aberto. Achei que podia contar com o seu perdão e entrei.» «Mas, em M..., não lhe contaram que...?», perguntou a Marquesa, permanecendo absolutamente imóvel nos braços dele. «Contaram-me tudo, adorada criatura», respondeu o Conde, «mas estou totalmente convicto da sua inocência...» «Como?», cortou a Marquesa, procurando erguer-se e libertar-se do abraço do Conde. «E mesmo assim veio?» Ele segurou-a e prosseguiu: «Apesar do que o mundo possa pensar, apesar da sua família e apesar, até, desta querida aparição...» Mas, no momento em que o Conde a beijava ardentemente sobre o colo, a Marquesa

interrompeu-o com um grito: «Vá-se embora!» Mas ele prosseguia: «Tão convicto, Julietta, como se fosse omnisciente, como se a minha alma habitasse o teu peito.» A Marquesa, fora de si, repetia: «Deixe-me!» O Conde, sem a largar, concluía: «Venho repetir-lhe a minha declaração e receber a sorte dos bem-aventurados, se me quiser conceder a sua mão.» «Deixe-me imediatamente!», gritava a Marquesa. «Ordeno-lhe!» Libertou-se violentamente dos braços do Conde e fugiu. «Querida! Mulher adorada!», murmurou o Conde, levantando-se e procurando segui-la. «Ouviu!», gritou-lhe a Marquesa, voltando-se mas evitando-o. «Só um murmúrio, uma confissão...», prosseguia o Conde, agarrando-a ansiosamente pelo braço. Mas a pele suave dela escorregou-lhe na mão. «Não, não quero saber nada», respondeu a Marquesa e, com um gesto brusco, repeliu-o para depois subir a rampa e desaparecer.

O Conde ia já a meio da rampa com a intenção de a obrigar a escutá-lo custasse o que custasse, quando a porta bateu, bem na sua frente, e o ruído do ferrolho, corrido em extrema precipitação, lhe atalhou o passo. Por instantes ficou sem saber o que devia fazer nestas circunstâncias e pensou se não seria de subir por uma janela lateral que estava aberta prosseguindo nos seus propósitos até os alcançar. Mas, por muito penoso que lhe fosse, em todos os sentidos, retroceder, pareceu-lhe que desta vez era isso que a necessidade lhe impunha. Amargurado, furioso

consigo mesmo por a ter deixado escapar dos braços, desceu rapidamente a rampa, saiu do jardim e foi procurar os cavalos. Sentia que a tentativa de abrir o seu coração à Marquesa tinha fracassado definitivamente. De regresso a M..., conduzindo o cavalo a passo, pensava na carta que estava condenado a escrever. Ao cair da noite, encontrava-se sentado à mesa de uma estalagem, no pior estado que se possa imaginar, quando viu o Couteiro-Mor que lhe perguntou imediatamente se as suas diligências em V... tinham sido bem sucedidas. A resposta do Conde foi breve: «Não!» Estava decidido a despachá-lo com alguma secura. Mas, por delicadeza, depois de um curto silêncio, ainda acrescentou que tinha tomado a decisão de se dirigir à Marquesa por escrito e que, dentro em pouco, tudo seria tirado a limpo. Disse-lhe o Couteiro-Mor que era com desgosto que via a paixão do Conde pela Marquesa roubar-lhe o sentido das realidades. E, entretanto, não queria deixar de lhe comunicar que ela já tinha enveredado por uma escolha diferente. Mandou buscar os jornais e apresentou-lhe a folha em que estava inserido o convite que a Marquesa fazia ao pai da criança. O Conde percorreu apressadamente aquelas linhas; o rubor invadiu-lhe o rosto; sentia-se atravessado por sentimentos contraditórios. Quando o Couteiro-Mor lhe perguntou se não acreditava que se viesse a encontrar a pessoa que a Marquesa procurava, respondeu: «Sem dú-

vida!» Mas a alma do Conde permanecia fixa naquele papel cujas palavras retinha avidamente. Depois levantou-se, dirigiu-se à janela enquanto dobrava o jornal e passado um momento disse: «Agora está tudo bem! Já sei o que tenho a fazer!» Voltou-se, perguntou ao irmão da Marquesa, com a máxima cortesia, se o voltaria a ver em breve, apresentou-lhe os seus cumprimentos e saiu, completamente reconciliado com o seu destino.

Entretanto, em casa do Comandante, tinham-se desenrolado as mais movimentadas cenas. A esposa do Coronel estava extremamente irritada com a violência destrutiva do marido e com a sua própria fraqueza perante a tirânica expulsão da filha. Tinha perdido os sentidos no momento em que ouvira o tiro no quarto de dormir do Comandante e a filha saíra em correria. Recuperou alguns minutos depois, mas, no momento em que acordou, o Comandante não disse nada para além de que lamentava que ela tivesse apanhado aquele susto e atirou com a pistola descarregada para cima de uma mesa. Depois, quando se falou em exigir que as crianças ficassem ali, a Senhora de G... ousou dizer timidamente que não tinham direito de proceder assim; numa voz fraca e comovente que era consequência daqueles acontecimentos, pediu que se evitassem cenas violentas naquela casa. Mas o Comandante não lhe disse mais nada e, espumando de raiva, dirigiu-se ao filho: «Vai e traz-me essas crianças!» Mais tarde,

quando chegou a segunda carta do Conde de F..., o Comandante deu ordem para que fosse remetida à Marquesa; souberam depois pelo portador que a Marquesa a pusera de lado, dizendo apenas que estava bem. A Senhora de G..., que achava todos estes acontecimentos tão estranhos, em especial a disposição da Marquesa para aceitar um segundo casamento em total indiferença, procurava em vão trazer o assunto à conversa. Mas o Comandante, com um modo que mais parecia o de uma ordem, pedia-lhe sempre que se calasse. Um dia, numa destas situações, retirou um retrato da Marquesa que ainda estava na parede, ao mesmo tempo que ia dizendo que o seu desejo era apagá-la completamente da memória e que já não tinha filha. Pouco tempo depois surgia o estranho apelo da Marquesa nos jornais. A Senhora de G..., vivamente atingida pelo facto, agarrou na folha do jornal que o marido lhe dera e foi ao quarto do Comandante, onde o encontrou a trabalhar sentado a uma mesa. Perguntou-lhe o que pensava ele afinal daquilo. O Comandante, sem parar de escrever, respondeu: «Ah! Ela não tem culpa.» «Como?», gritou a Senhora de G..., extremamente espantada. «Não tem culpa?» O Comandante prosseguiu: «Foi a dormir, sem saber.» «A dormir?», replicou a esposa. «E um incidente tão monstruoso como este seria apenas...» «Uma louca!», interrompeu-a o Comandante, arrumando os papéis e saindo do quarto.

No número seguinte do jornal, estando os dois a tomar o pequeno almoço, a Senhora de G... leu a seguinte resposta numa folha de anúncios que ainda cheirava a tinta fresca: «Se a Senhora Marquesa de O... quiser ter a bondade de estar no dia 3, pelas 11 horas da manhã, em casa do Senhor de G..., seu pai, a pessoa que procura aí estará para se lançar a seus pés.»

A esposa do Coronel ainda não chegara a meio destas linhas inacreditáveis e já tinha perdido a voz. Percorreu de relance o anúncio até ao fim e entregou o jornal ao marido. O Coronel leu a página inteira três vezes, como se não acreditasse nos seus próprios olhos. «Por amor de Deus, Lorenzo, diz-me o que pensas disto», pediu a Senhora de G... «Ah! Essa infame!», respondeu o Comandante, levantando-se. «Ah! Hipócrita manhosa. Dez vezes a impudícia de uma cadela mais dez vezes a astúcia de uma raposa não chegariam para dizer o que ela é! Aquele rosto! Aqueles olhos! Os de um querubim não são mais cândidos!» O Coronel continuava a lamentar-se sem que lhe fosse possível encontrar sossego. «Mas, afinal de contas», perguntava-lhe a mulher, «se se trata de astúcia, qual é o objectivo dela?» «O objectivo? Quer à viva força obrigar-nos a acreditar na maquinação vil que inventou», respondeu o Coronel. «Já está aprendida de cor, a fábula que querem vir impor-nos, ela e ele, no dia três às onze horas da manhã, aqui em casa! Querem que eu diga: Minha querida filhinha...

não sabia... quem podia imaginar... perdoa-me, dou-te a minha bênção, descansa... Uma bala, devia eu dar a quem atravessar a soleira da minha porta no dia três de manhã! Mas é mais apropriado mandar os criados escorraçá-lo.» A Senhora de G..., depois de ter lido uma vez mais a resposta no jornal, afirmou que se fosse obrigada a fazer fé numa de duas coisas inacreditáveis, preferia aceitar a ideia de um lance estranho do destino a ter que acreditar numa tal indignidade da parte de uma filha que sempre fora irrepreensível. Mas ainda não terminara estas palavras e já o Comandante lhe gritava: «Faz-me um favor! Cala-te! Horroriza-me ouvir falar em tudo isto.» E saiu do quarto.

Poucos dias depois, o Comandante recebeu uma carta da Marquesa, relacionada com a resposta no jornal. Nessa carta a Marquesa pedia respeitosamente e com palavras tocantes que, uma vez que lhe era recusado o favor de entrar em casa do pai, lhe enviassem a V... a pessoa que aí se apresentasse no dia três de manhã. A esposa do Coronel estava precisamente presente no momento em que o marido recebeu essa carta; como compreendeu claramente na cara do Comandante que este sentia que se tinha enganado naquilo que imaginara, uma vez que, tratando-se de uma maquinação, não se percebia o motivo que afinal movia a Marquesa, já que não parecia pretender que o pai a desculpasse, a Senhora de G..., encorajada por tal facto, avançou com um plano

que há muito trazia consigo por entre as muitas dúvidas que lhe agitavam a alma. Enquanto o Coronel continuava a olhar para o papel com uma expressão que nada traduzia, disse-lhe que tinha uma ideia. Perguntou-lhe se a deixaria ir passar um dia ou dois em V... Caso a Marquesa realmente já conhecesse o homem que lhe respondera pelo jornal como se se tratasse de um desconhecido, havia de a pôr numa situação em que a filha, por muito especializada que estivesse em matéria de traição, acabaria por ser obrigada a trair-se. O Comandante, rasgando a carta num movimento subitamente violento, respondeu-lhe que já sabia que, pelo seu lado, não estava interessado em assuntos com a Marquesa e que a proibia de entrar em qualquer contacto com ela. Lacrou os pedaços da carta rasgada, endereçou-os à Marquesa e entregou-os a um portador, à maneira de resposta. A Senhora de G..., profundamente exasperada por esta teimosia obstinada que destruía toda e qualquer possibilidade de esclarecimento, decidiu levar a cabo o seu plano, embora contra a vontade do Coronel. Na manhã seguinte, a uma hora em que o marido ainda estava deitado, partiu para V..., acompanhada por um dos caçadores do Comandante. Ao chegar ao portão da propriedade, o porteiro veio dizer-lhe que a Marquesa não recebia ninguém. Ela respondeu que sabia dessa disposição mas que bastava que fosse anunciar à Marquesa a Senhora de G... O homem retorquiu que não

servia de nada, já que a Marquesa não atendia absolutamente ninguém. A Senhora de G... insistiu, dizendo que seria atendida já que era a mãe da Marquesa. Pediu-lhe que não demorasse mais tempo e que cumprisse a sua função. Mal o porteiro entrara no edifício para fazer uma tentativa que ele julgava totalmente vã e eis que a Marquesa sai, correndo em direcção ao portão, para se lançar de joelhos junto ao carro em que a mãe se fazia transportar. A Senhora de G... desceu, amparada pelo caçador, baixou-se o necessário para erguer a Marquesa que, vencida pela comoção, se apoiou no braço da mãe e a conduziu, com o maior respeito mas por entre muitas lágrimas para uma das salas da casa. «Minha querida mãe!», desabafou a Marquesa, depois de ajudar a mãe a sentar-se no canapé, mas permanecendo em pé à sua frente enquanto enxugava os olhos. «A que feliz acontecimento devo eu agradecer esta vinda que não ousava antever?» A mãe, agarrando-se a ela num gesto de intimidade, disse-lhe que queria que ela soubesse que vinha pedir-lhe perdão pela maneira brutal como tinha sido expulsa da casa paterna. «Perdão?», interrompeu a Marquesa, tomando-lhe as mãos para as beijar. Mas a mãe, evitando-lhe o gesto, prosseguiu: «É que não só a resposta agora publicada à tua anterior declaração nos deu, a mim como ao teu pai, a convicção de que estás inocente, como é preciso que saibas que ele ainda ontem nos foi visitar pessoalmente, para

nossa grande admiração e contentamento.» «Mas quem foi visitar-vos pessoalmente...?», perguntou a Marquesa sentando-se junto da mãe; a expectativa contraía-lhe as feições. «Quem foi que vos visitou?» «Ele, o autor dessa resposta; o próprio a quem se dirigia o teu apelo», respondeu a mãe. «Mas quem é?», inquiria a Marquesa, por entre um sobressalto da respiração. E repetia: «Quem é?» A Senhora de G... respondeu-lhe que, quanto a isso, preferia que fosse a filha a adivinhar. «Imagina que ontem, à hora em que estávamos a tomar o chá, e precisamente quando líamos aquela espantosa nota no jornal, um homem dos nossos conhecimentos mais íntimos, irrompe pela sala entre gestos de desespero e arroja-se aos pés do teu pai para logo de seguida se vir ajoelhar junto de mim também. Sem sabermos que pensar daquela atitude, pedimos-lhe que se explicasse. Foi então que nos disse que a sua consciência lhe não dava sossego, que era ele o miserável que tinha enganado a Senhora Marquesa, que queria saber qual o juízo que fazíamos sobre o seu crime e que, se a vingança tivesse que recair sobre ele, ali estava a entregar-se de livre vontade.» A Marquesa voltou a interrompê-la: «Mas quem? Quem? Quem era esse homem?» A mãe prosseguiu: «Como ia dizendo, trata-se de um jovem que, quanto ao resto, sempre foi pessoa de grande educação e a quem nunca atribuiríamos uma tal indignidade. Contudo, não deverás ficar assustada ao saber que é de baixa condição

e desprovido de tudo aquilo que, noutra situação, se deveria exigir a um teu pretendente.» «Pouco importa, querida mãe», adiantou a Marquesa, «pois se vos foi pedir perdão antes de mo pedir a mim, não será totalmente indigno. Mas quem é? Dizei-me apenas de quem se trata!» «Pois bem», continuou a mãe, «trata-se de Leopardo, o caçador que o teu pai mandou vir, não há muito, do Tirol, e que, como pudeste ver, trouxe comigo para to apresentar enquanto teu noivo.» «Leopardo, o caçador!», exclamou a Marquesa, apoiando a cabeça na mão, num gesto de desespero. «Que te assusta?», perguntou a Senhora de G... «Tens motivos para duvidar?» «Mas como? Onde? Quando?», perguntava a Marquesa, desnorteada. «Quanto a isso», respondeu-lhe a mãe, «quer confiá-lo apenas a ti, directamente. A vergonha e o amor, impedem-no, segundo nos disse, de explicar tais coisas a qualquer outra pessoa. Mas, se quiseres, abrimos a porta que dá para a antecâmara em que ele, por certo angustiado, aguarda o desfecho. Retirar-me-ei e tu poderás ver se consegues fazê-lo revelar o segredo que traz consigo.» A Marquesa deixou escapar um grito: «Deus Pai! Lembro-me de um dia ter adormecido à tarde, à hora do calor, e de ao acordar o ter visto a afastar-se!» E ao dizer isto a Marquesa cobria com as mãos as faces que a vergonha viera afoguear. Mas a mãe, depois de a ouvir, caiu de joelhos junto a ela: «Minha filha! Adorada filha!», e escondia o rosto no colo da Marquesa.

Esta, confusa, perguntou-lhe: «Que se passa convosco, minha mãe?» E a mãe confessou: «Não vês tu, criatura mais pura que os anjos, que nem uma palavra do que te disse é verdade. Não vês que a minha perversa alma não conseguia acreditar na inocência que se desprende de ti e que precisei de usar este artifício vergonhoso para me convencer.» «Minha querida mãe!», exclamou a Marquesa e debruçou-se para ela, cheia de ternura e contentamento, procurando ajudá-la a levantar-se. Mas a mãe interrompeu-lhe o gesto: «Não! Não me levanto enquanto não me disseres que podes perdoar, tu criatura magnífica, sobrenatural, a baixeza do meu comportamento!» «Eu, perdoar-lhe, minha mãe? Levantai-vos, peço-vos por tudo!», dizia a Marquesa. «Ouves-me», continuava a Senhora de G..., «quero que me digas se ainda podes amar a tua mãe e respeitá-la como dantes!» «Oh, minha mãe adorada», exclamou a Marquesa, caindo também sobre os joelhos à frente dela. «O respeito e o amor nunca abandonaram o meu coração. Quem poderia vir oferecer-me a sua confiança em circunstâncias tão dificilmente compreensíveis? Sinto-me tão feliz por vos terdes convencido de que não tenho qualquer culpa a expiar.» A mãe, levantando-se ajudada pela filha, disse-lhe: «Sendo assim, quero cuidar de ti, minha querida. Virás fazer o parto a minha casa e não serias tratada com mais carinho e dignidade se as circunstâncias tivessem querido que estivéssemos neste momento à espera

que desses à luz um príncipe. Nos dias de vida que me restarem, não quero mais sair de junto de ti. Ao resto do mundo, voto-lhe o meu desprezo. A única coisa que quero é o teu afecto e que te não recordes nunca da maneira rude como te repudiei. Se assim for, a tua desonra será a minha honra.» A Marquesa procurava consolá-la, acariciando-a, fazendo-lhe as mais variadas promessas. Mas fez-se noite, passaram as horas, bateu a meia-noite e a Senhora de G... continuava inconsolável. No dia seguinte, encontrando-se a venerável Senhora um pouco mais aliviada da emoção que inclusivamente lhe provocara febre durante a noite, a mãe, a filha e os netos voltaram para M..., numa espécie de regresso triunfal. Estavam extremamente entusiasmados com a viagem, gracejavam a propósito de Leopardo, o caçador, que ia sentado à frente, na boleia, e a mãe disse à Marquesa que notara já como ela ficava ruborizada cada vez que olhava para as largas costas do homem. Respondeu a Marquesa num tom que era um misto de suspiro e de sorriso: «Sabe-se lá quem irá afinal aparecer às onze horas da manhã do dia três em nossa casa.» Mas depois, à medida que se aproximavam de M..., os ânimos iam-se tornando cada vez mais sérios, na previsão de acontecimentos decisivos que ainda as aguardavam. Quando desceram do transporte, frente à casa, a senhora de G..., que nada deixava antever dos seus planos, levou a filha ao seu antigo

quarto. Disse-lhe que não demorava, pois apenas precisava de se pôr à vontade, e desapareceu. Uma hora depois, voltou, afogueada. «Não, não! Mas que S. Tomé!», dizia ela, procurando esconder o contentamento que lhe ia na alma. «Desconfiado como S. Tomé! Não é que levei uma hora bem contada para o convencer. Mas agora está sentado a chorar.» «Quem?», perguntou a Marquesa. «Ele», respondeu a mãe. «Quem mais poderia ser, senão aquele que tem motivos para isso?» «O meu pai? Não pode ser!», exclamou a Marquesa. Ao que a mãe respondeu: «Chora como uma criança. De tal forma que, se eu própria não tivesse de limpar as minhas lágrimas, teria começado a rir mal saí do quarto.» «E por minha causa?», perguntou a Marquesa, pondo-se em pé. «E eu, aqui...» «Nada de pressas!», atalhou a Senhora de G... «Porque me ditou ele a carta? Pois há-de vir aqui procurar-te, se me quiser voltar a ver em vida!» «Querida mãe...», suplicava a Marquesa. «Serei inexorável!», interrompeu a mãe. «Porque pegou ele na pistola?» «Mas, mãe, juro-vos que...» «Mas não deves!», cortou a Senhora de G..., obrigando a filha a retomar o lugar no cadeirão. «E se ele não vier ainda hoje, antes do cair da noite, amanhã saio contigo.» A Marquesa classificou esse procedimento de duro e injusto. Contudo, a mãe, que acabara de ouvir alguém soluçar à distância, disse-lhe: «Tranquiliza-te! Aí vem ele!» «Onde?», perguntou a filha, procurando ouvir. «Está

alguém junto à porta? Este ruído...» «Com efeito», continuou a mãe, «quer que sejamos nós a abrir-lhe a porta.» «Deixai-me!», gritou a Marquesa, levantando-se da cadeira num ímpeto. «Não! Se queres bem à tua mãe, Julietta, não vás!», dizia-lhe a mãe. Mas nesse momento já o Comandante entrava, enxugando os olhos com um lenço. A mãe interpôs-se, olhando para a filha e virando as costas ao marido. «Meu querido pai!», exclamou a Marquesa, e estendia os braços em direcção a ele. «Não te mexas, ouviste?», disse a Senhora de G... O Comandante, de pé ao meio do quarto, chorava. A mãe prosseguiu: «Tem de te pedir desculpa. Por que razão há-de ele ser tão violento? E tão teimoso? Amo-o, mas a ti também, minha filha. Respeito-o, mas também a ti. E, se fosse obrigada a escolher, achar-te-ia mais digna que ele e ficaria contigo.» O Comandante, completamente curvado, gemia tão alto que as paredes tremiam. «Meu Deus!», exclamou a Marquesa, pegando no lenço, de súbito impotente para conter as lágrimas perante a exigência da mãe. A Senhora de G..., chegando-se um pouco para o lado, ainda disse: «Ele nem consegue falar!» Então a Marquesa lançou-se para diante e abraçou o pai, pedindo-lhe que se acalmasse. Também ela chorava copiosamente. Perguntou-lhe se não queria sentar-se e fez menção de o ajudar a tomar lugar num cadeirão. Aproximou o assento, mas ele não respondia. Não havia maneira de o arrancar do

sítio em que estava. Também se não sentava. De pé, rosto curvado para o chão, chorava. A Marquesa, amparando-o, meio virada para a mãe, disse que, daquele modo, o pai ficaria doente. Mas a mãe também parecia estar prestes a perder o equilíbrio ao ver os movimentos convulsivos do marido. Contudo, como o Comandante, atendendo aos repetidos pedidos da filha, se tivesse finalmente sentado, e esta, ajoelhada aos seus pés, lhe dispensasse uma imensa ternura, a Senhora de G... retomou a respiração para dizer que o que estava a acontecer ao Comandante era inevitável e que em breve voltaria à razão. Depois, deixou-os sós.

Mal saiu, a Senhora de G... enxugou as suas próprias lágrimas e começou a pensar se o forte abalo a que obrigara o marido não poderia ser perigoso e se não seria recomendável mandar chamar um médico. Foi à cozinha preparar um jantar para o Comandante com tudo o que sabia fazer de mais reconfortante e calmante, fez-lhe a cama e aqueceu-a para o ajudar a deitar-se. Esperava vê-lo surgir pela mão da filha, mas como não aparecessem e a mesa já estivesse posta para o jantar, foi silenciosamente até ao quarto da Marquesa para escutar o que afinal se passava. Encostou delicadamente o ouvido na porta e ouviu as últimas sílabas de um murmúrio ténue que, segundo lhe pareceu, era da Marquesa. Olhando pelo buraco da fechadura, notou que a filha estava sentada ao colo do

Comandante, coisa que ele nunca na sua vida autorizara. Finalmente abriu a porta e, para grande alegria do seu coração, viu a Marquesa nos braços do pai, silenciosa, com a nuca descaída para trás e de olhos fechados. Ao mesmo tempo, o Comandante, sentado numa cadeira de encosto, com um brilho de lágrimas nos grandes olhos, ia depondo longos beijos, quentes e lânguidos, sobre os lábios da filha: tal qual um apaixonado. A filha não falava; o pai também não. Continuava debruçado para ela como se se tratasse da rapariga do seu primeiro amor, segurava-lhe o rosto e beijava-a. A mãe sentia-se no Céu; de pé, por detrás do cadeirão, sem ser vista, hesitava em perturbar aquela alegria, aquela felicidade celestial que a reconciliação reconduzia à sua casa. Por fim, aproximou-se do marido, debruçou-se sobre ele, à direita e à esquerda, para o poder ver de lado, já que ele, no meio daquela felicidade indescritível, estava totalmente absorvido nas festas e beijos que dispensava à filha. Ao vê-la, o Comandante mudou de expressão, voltou a baixar os olhos e quis dizer qualquer coisa. Mas a mulher atalhou: «Que cara é essa?» E, por seu turno, beijou-o; com um gracejo pôs termo à perturbação do marido. Convidou-os a levantar e conduziu-os para a mesa. Pai e filha caminhavam como se fossem noivos. À mesa, o Comandante mostrou-se muito alegre, mas de tempos a tempos engolia em seco, quase parava

de comer e de falar, pousava os olhos no prato e ficava a brincar com a mão da filha.

Ao outro dia, de manhã cedo, já todos punham uma mesma questão: quem poderia ser afinal o homem que vinha apresentar-se no dia seguinte às onze da manhã? Porque o dia seguinte era já precisamente o dia três que todos temiam. O pai, a mãe e ainda o irmão, que entretanto se reconciliara também, estavam incondicionalmente de acordo num ponto: no caso de a pessoa ter um mínimo de aceitabilidade, o casamento devia realizar-se; deveria ser feito tudo quanto fosse possível para dar à Marquesa uma situação feliz. Se, contudo, a situação dessa pessoa fosse tal que ficasse muito aquém da da Marquesa, apesar da ajuda que lhe fosse prestada, então, os pais opor-se-iam ao casamento; conservariam, como até aí, a Marquesa em sua casa e tratariam da adopção da criança. Mas a Marquesa, pelo contrário, parecia decidida a manter-se fiel à palavra dada, em qualquer circunstância, se o homem não fosse um miserável de reputação perdida; daria, assim, um pai à criança, custasse o que custasse. Ao fim do dia, perguntou a mãe como deveria proceder-se à recepção do indivíduo. O Comandante era de opinião que o mais conveniente seria deixar a Marquesa sozinha às onze horas. Mas a Marquesa contrapunha que os pais e também o irmão deviam estar presentes, já que não desejava partilhar com essa pessoa qualquer espécie de segredo. Acrescentava ainda

que esse desejo também parecia estar expresso na resposta do indivíduo ao propor a casa do Comandante como local do encontro; circunstância que, aliás, queria confessá-lo, tinha feito com que a resposta lhe agradasse bastante. A mãe, contudo, fez notar a situação pouco apropriada em que ficariam o pai e o irmão e pediu à filha que condescendesse na ausência dos dois homens. Em contrapartida, ela, respeitando o desejo da filha, estaria presente quando recebesse o indivíduo. A filha, após reflectir um pouco, aceitou esta proposta.

Depois de uma noite passada em febril expectativa, nasceu o dia; o temido dia três. Quando o relógio bateu as onze, as duas mulheres, envergando traje de cerimónia, como se de um noivado se tratasse, estavam sentadas no salão; no peito de ambas, o coração batia com tal força que se poderia ouvir, não fossem os ruídos da manhã. Ainda se ouvia o eco da décima primeira badalada quando entrou Leopardo, o caçador que o pai mandara vir do Tirol. Ambas ficaram pálidas ao vê-lo. «O Conde de F... acaba de chegar e pede para ser anunciado», disse o caçador. Mãe e filha, saindo de um estado de espanto para entrar noutro, exclamaram em simultâneo: «O Conde de F...!» A Marquesa acrescentou prontamente: «Fechem as portas! Para ele, não estamos em casa!» Levantou-se na intenção de puxar ela própria o ferrolho. Ia empurrar o caçador, que estava à sua frente, quando o Conde

entrou, armado, e com as insígnias das ordens ao peito, envergando exactamente o mesmo uniforme de combate que trazia na noite do assalto à fortaleza. Desorientada a Marquesa sentia que o chão lhe ia faltar debaixo dos pés; pegou num xaile que deixara em cima de uma cadeira e procurava escapar para uma sala lateral quando a mãe, segurando-a pela mão, a chamou: «Julietta...!» Contudo, a Senhora de G... ficou sem voz, como se estivesse sufocada pelos pensamentos que lhe atravessavam o espírito. Fixou os olhos no Conde, puxou a filha para si e prosseguiu: «Julietta! Por favor! Afinal, quem esperamos nós...?» A Marquesa virou-se de súbito. «E então? Ele não é, por certo...!», exclamou, lançando sobre o Conde um olhar fulgurante que mais parecia um relâmpago, ao mesmo tempo que ele se punha pálido, como morto. Com a mão direita sobre o coração, joelho em terra, cabeça levemente curvada para o peito, o Conde permanecia calado e deixava que o seu olhar inflamado se perdesse no chão. «Quem mais poderia ser?», exclamava a Senhora de G..., com a voz embargada. «Quem mais poderia ser, senão ele? Que loucura a nossa!» A Marquesa, petrificada, baixou os olhos em direcção ao Conde e disse: «Minha mãe, vou perder a razão!» «Que parvoíce!», respondeu a mãe, puxando-a para si, para lhe segredar qualquer coisa ao ouvido. A Marquesa libertou-se, levou as mãos ao rosto e deixou-se cair sobre o sofá. «Infeliz! Que te

falta? Aconteceu alguma coisa para que não estivesses preparada?», dizia a mãe. O Conde, que continuava ajoelhado ao lado da Senhora de G..., em silêncio, pegou-lhe na orla do vestido e levou-a aos lábios. «Querida Senhora! Merecedora de todo o respeito e honra!», murmurava, enquanto uma lágrima lhe rolava pela face. «Levante-se, Senhor Conde, levante-se!», disse a mãe da Marquesa. E prosseguiu: «Console-a. Ficaremos assim todos reconciliados e tudo será perdoado e esquecido.» Levantou-se o Conde, em lágrimas, para voltar a ajoelhar junto da Marquesa. Pegou-lhe na mão, com cuidado, como se se tratasse de um objecto precioso e como se o odor da sua fosse suficiente para a segurar. Mas a Marquesa gritava-lhe: «Ide-vos embora! Ide! Ide!» E levantou-se. «Estava à espera de um ser vicioso; mas não de um... demónio!» Afastou-se como se ele estivesse atacado pela peste e abriu a porta, dizendo: «Chamem o Coronel!» A mãe, estupefacta, chamou-a: «Julietta!» A Marquesa olhava ora para o Conde, ora para a mãe, com a expressão de fúria de um assassino. Subia-lhe o peito, ardia-lhe o rosto: as Fúrias, por certo, não serão mais medonhas. Chegavam o Coronel e o filho, mas ainda não tinham transposto completamente a entrada quando a Marquesa se dirigiu ao pai: «Com este homem, não posso casar-me.» Mergulhou a mão num vaso de água benta que estava fixo à porta do fundo e, com

um gesto largo, aspergiu o pai, a mãe e o irmão. De seguida, saiu.

Confundido com esta cena extraordinária, o Comandante perguntou o que tinha acontecido. De súbito, ficou pálido, ao ver o Conde de F... ali presente, na sala, em momento tão decisivo. A mãe pegou na mão do Conde, enquanto dizia para o marido: «Não perguntes nada. Este jovem lamenta do fundo do coração tudo o que aconteceu. Dá-lhe a tua bênção! Dá-lha! Dá-lha! Para que tudo possa acabar em bem!» O Conde permanecia em pé, como desfeito. O Comandante pôs-lhe a mão em cima do ombro; tremiam-lhe as pálpebras, os lábios tinham-se-lhe tornado brancos como cal. «Que a maldição dos Céus possa deixar em paz esta cabeça!», exclamou o Comandante. «Quando tenciona fazer o casamento?» «Amanhã», respondeu a mãe, falando pelo Conde, que não conseguia articular uma palavra. «Amanhã ou hoje, como quiseres; estou certa de que, para o Senhor Conde, que mostrou tanto empenho em reparar a vileza do seu gesto, o melhor momento seria agora.» «Pois bem, terei o prazer de o encontrar amanhã, às onze, na Igreja dos Agostinhos.» Dito isto, o Comandante inclinou-se perante ele, chamou a mulher e o filho para o acompanharem ao quarto da Marquesa e deixaram-no só.

Foi em vão que tentaram saber junto da Marquesa o fundamento do seu estranho comportamento. Caíra num estado febril intenso, não

queria ouvir falar em casamento e pediu que a deixassem sozinha. Quando lhe perguntaram o porquê da súbita modificação da sua decisão e o que fazia com que o Conde lhe fosse mais odioso que um outro homem qualquer, encarou o pai com os olhos muito abertos e distantes e nada respondeu. Perguntou-lhe a Senhora de G... se se tinha esquecido de que ia ser mãe. Ao que a Marquesa respondeu que, neste caso, precisava pensar mais em si que no filho que ia dar à luz e, tomando os anjos e os santos por testemunhas das suas palavras, voltou a garantir que não se casaria. O pai, que via que ela estava num estado de evidente sobreexcitação, fez-lhe notar que teria de manter-se fiel à palavra dada. Deixou-a e, depois do conveniente entendimento escrito com o Conde, procedeu a todos os preparativos para o casamento. Apresentou ao Conde um contrato de casamento segundo o qual este renunciava a todos os direitos de esposo e, em contrapartida, assumia todas as obrigações que viessem a ser-lhe impostas. O Conde devolveu a folha, devidamente assinada, mas molhada pelas suas lágrimas. No dia seguinte, quando o Comandante entregou à Marquesa o documento, já esta estava de espírito mais calmo. Ainda sentada na cama, leu-o várias vezes, dobrou-o, mergulhada em pensamentos, voltou a abri-lo e a lê-lo; por fim, declarou que às onze horas estaria na Igreja dos Agostinhos. Levantou-se e vestiu-se sem dizer

uma palavra. Quando bateu a hora, acompanhada pelos seus, subiu para a viatura e partiram.

Ao Conde, só lhe foi permitido juntar-se à família no portal da igreja. Durante a cerimónia, a Marquesa permaneceu de olhos fixos no retábulo do altar; nem um rápido olhar para o homem com quem trocou as alianças. Terminada a bênção, o Conde ofereceu-lhe o braço. Mas, mal tinham saído da igreja, a Condessa inclinou-se perante ele e o Comandante veio perguntar-lhe se teria a honra de o ver de vez em quando nos aposentos da filha. Perante isto, o Conde balbuciou algumas palavras que ninguém compreendeu, cumprimentou o grupo e desapareceu. Instalou-se numa casa em M..., na qual passou vários meses sem pôr pé em casa do Comandante onde a Condessa ficara a residir. A atitude inteiramente exemplar, terna e plena de dignidade, que sempre apresentava quando acontecia encontrar os membros da família, valeu-lhe ser convidado para o baptizado do filho que a Condessa, entretanto, dera à luz. Debaixo das cobertas, no seu leito de parturiente, viu-o apenas por um instante quando ele apareceu à porta do quarto e a cumprimentou respeitosamente, de longe. O Conde colocou no berço, entre os presentes com que os convidados festejavam o recém-nascido, dois papéis. Verificou-se depois que um era uma doação de vinte mil rublos à criança e o outro um testamento em que o Conde, em caso de morte, instituía a mãe da criança em herdeira

de todos os seus bens. A partir desse dia e a instâncias da Senhora de G..., o Conde passou a ser frequentemente convidado; a casa estava-lhe aberta e, dentro de pouco tempo, quase não se passava uma noite sem que ele viesse. Sentia que todos lhe concediam o perdão, em nome da fraqueza inerente à natureza humana, e, deste modo, retomou a sua antiga declaração junto da Condessa, agora sua esposa. Passado um ano, recebeu dela uma segunda resposta afirmativa e, inclusivamente, foi celebrado um segundo casamento, mais alegre que o primeiro, depois do qual a família partiu para V... E assim, uma fila de pequeninos russos veio juntar-se ao primeiro. Quando, um dia, num dos seus momentos de felicidade, o Conde perguntou à esposa por que razão, naquele malfadado dia três, quando parecia disposta a aceitar um qualquer depravado, tinha fugido dele como se fosse um diabo, ela, lançando-se-lhe nos braços, respondeu-lhe que não lhe teria parecido um diabo se não lhe tivesse surgido da primeira vez como um anjo.

O TERRAMOTO NO CHILE

Em Santiago, capital do reino do Chile, precisamente no momento em que ocorreu o grande tremor de terra de 1647, no qual perderam a vida muitos milhares de pessoas, junto de um pilar da prisão onde o tinham encarcerado, pronto para se enforcar, estava um jovem espanhol, de nome Jeronimo Rugera, que era acusado de ter cometido um crime. Sensivelmente um ano antes, Don Henrico Asteron, um dos nobres mais ricos da cidade, tinha-o afastado de sua casa, onde desempenhava funções de perceptor, porque Jeronimo iniciara um entendimento amoroso com Donna Josephe, a filha única do velho nobre. Depois de este a ter avisado expressamente, um encontro secreto denunciado pela vigilância maldosa do filho, um jovem arrogante, indignou-o de tal maneira que a foi internar no Convento das Carmelitas de Nossa Senhora do Monte.

Por um feliz acaso, Jeronimo conseguiu, apesar dessa circunstância, reatar a ligação e, numa

silenciosa noite, transformar os jardins do Convento em palco da completa satisfação dos seus desejos. Foi na festa do Corpo de Deus, quando as freiras, seguidas pelas noviças, em procissão solene, se punham em andamento, que a infeliz Josephe, no momento em que os sinos dobravam, acometida pelas dores de parto, caiu nos degraus da Catedral.

O acontecimento provocou enorme escândalo. Sem qualquer consideração pelo seu estado, a jovem pecadora foi imediatamente levada para um calabouço e, mal tinha terminado o período de convalescença, por ordem do Arcebispo, foi-lhe levantado o mais rigoroso processo. Na cidade, falava-se neste escândalo com tal excitação, as opiniões atacavam o convento em que ele se tinha produzido com tal rigor que nem o pedido de perdão da família Asteron, nem mesmo o desejo da própria Abadessa, que tinha ganho afeição à jovem devido ao seu comportamento em tudo o mais irrepreensível, puderam aplacar a severidade com que a lei conventual se abateu sobre ela. Tudo o que conseguiram foi que a condenação à fogueira fosse transformada em decapitação, por decreto do Vice-Rei, para grande indignação das senhoras e meninas de Santiago.

Nas ruas por onde devia passar o cortejo em direcção ao local da execução, alugavam-se janelas, desmontavam-se telhados e as piedosas filhas da cidade convidavam as amigas para compartilhar irmãmente o espectáculo que ia ser oferecido à vingança divina.

Jeronimo, que entretanto também tinha sido posto na prisão, ficou a ponto de perder a razão quando teve conhecimento desta terrível viragem nos acontecimentos. Era em vão que pensava numa forma de a salvar. Por mais longe que o levassem as asas dos seus pensamentos mais temerários, acabava sempre por esbarrar com as grades e as muralhas; uma tentativa que fez para serrar as barras da janela apenas lhe valeu um encarceramento mais rigoroso, quando foi descoberto. Lançou-se aos pés da imagem da Virgem Santíssima numa prece de infinito fervor dirigida à única de quem, naquele momento, podia esperar salvação.

Mas nasceu o temido dia e com ele, no coração de Jeronimo, a convicção de que a sua situação não tinha esperança possível. Ao ouvir as badaladas que acompanhavam Josephe ao patíbulo o desespero apoderou-se-lhe da alma. A vida parecia-lhe odiosa e decidiu pôr-lhe termo, valendo-se de uma corda que o acaso ali deixara. Como dissemos atrás, estava ele precisamente junto de uma pilastra a amarrar a um gancho de ferro fixo numa cornija a corda que havia de o arrancar a este mundo de misérias, quando, de súbito, quase toda a cidade se abateu com um estrondo, como se o céu tivesse desabado, soterrando sob os escombros tudo o que tivesse vida.

Jeronimo Rugera ficou estático, apavorado; para não cair agarrava-se agora ao mesmo pilar em que há pouco queria morrer, como se a sua consciência tivesse sido também destruída. O chão fugia-lhe debaixo dos pés; as paredes da prisão abriam fendas; todo o edifício se inclinava para o lado da rua, pronto para tombar. Só a queda do edifício fronteiro, contrariando a lenta inclinação deste, o impediu de cair totalmente por terra, graças a uma espécie de arcada espontânea. Todo a tremer, com os cabelos eriçados e os joelhos a desfalecer sob o peso do corpo, Jeronimo deixou--se escorregar pelo pavimento inclinado, em direcção à abertura que o embate dos dois prédios tinha rasgado na parede da frente da prisão.

Mal acabara de sair, quando o que restava dos edifícios daquela rua, já fortemente abalados, ruiu completamente devido a um segundo movimento da terra. Sem saber como se salvar no meio de toda aquela destruição, procurou fugir em direcção a uma das portas da cidade que ficavam mais próximas, passando por cima de destroços e escombros, por entre constantes acenos da morte. Aqui uma casa que ruía, projectando estilhaços a grande distância e obrigando-o a fugir por uma transversal. Mais adiante, como clarões por entre as nuvens de fumo, começavam já a sair labaredas das empenas, empurrando-o, horrorizado, para uma outra rua. Mais adiante, ainda, as águas do Mapocho, levantadas do leito, corriam na sua direcção, por entre rugidos, ati-

rando-o para outro caminho. Aqui uma pilha de cadáveres, acolá um gemido fazendo ainda ouvir--se debaixo dos destroços, mais além gritos vindos de telhados em fogo, mais adiante homens e animais lutando com as ondas, mais à frente ainda, alguém que corajosamente se lançava num salvamento, ou alguém que, branco como a morte, levantava as mãos trémulas para o céu, em silêncio. Quando atravessou a porta da cidade e alcançou uma elevação próxima, Jeronimo caiu imediatamente sem sentidos.

Ficou mais de um quarto de hora num estado de profunda inconsciência. Por fim, acordou e soergueu-se um pouco, ainda de costas viradas para a cidade. Levou a mão à testa e ao peito, sem saber bem em que estado estava. Uma brisa vinda de Ocidente, do lado do mar, veio insuflar--lhe o regresso à vida; os olhos espraiaram-se-lhe em todas as direcções sobre a paisagem florescente dos campos de Santiago; era indizível o sentimento de prazer que se veio apoderar de Jeronimo. Mas os montes de corpos humanos destroçados que por toda a parte se viam oprimiram-lhe o coração. Por momentos não compreendeu o que podia tê-lo levado a compartilhar aquele lugar com eles, mas, ao virar-se e ao ver atrás de si a cidade destruída, recordou-se do momento assustador que vivera havia pouco. Deixou o corpo cair para diante e a testa tocar o chão: agradeceu a Deus o seu espantoso salvamento. E, como se a tremenda impressão que

viera imprimir-se no seu espírito tivesse expulsado todas as anteriores, começou a chorar de contentamento, por poder continuar a desfrutar da vida, que tão querida lhe era na sua variegada diversidade. Mas, em seguida, ao reparar no anel que trazia na mão, recordou-se subitamente de Josephe; e também da prisão, das badaladas que aí ouvira e dos momentos que tinham precedido a destruição do edifício. O peito voltou a encher-se-lhe duma profunda tristeza. Arrependeu-se da oração de há pouco; o Ser que reina sobre as nuvens pareceu-lhe horrendo. Misturou-se com as gentes que, ocupadas com o salvamento dos seus bens, irrompiam pelas portas da cidade; timidamente, ousou informar-se sobre a filha de Asteron; se a execução chegara a ter lugar. Mas não havia ninguém que lhe soubesse dar uma informação cabal. Uma mulher que passava, dobrada quase até ao chão sob o peso de uma quantidade enorme de utensílios e com duas crianças penduradas ao peito, disse-lhe, sem parar, e como se tivesse presenciado tudo, que ela tinha sido decapitada. Jeronimo voltou para trás. Calculando mentalmente o tempo, parecia-lhe não poder duvidar de que a execução tivesse sido levada a cabo; sentou-se num bosque isolado, entregando-se completamente à sua dor. O seu desejo era que a força destruidora da Natureza se abatesse de novo sobre ele. Não entendia que pudesse ter escapado à morte que a sua alma atormentada procurava, precisamente no mo-

mento em que ela podia ter vindo espontaneamente salvá-lo. Tomou a decisão firme de não vacilar ainda que, naquele momento, os castanheiros fossem arrancados pela raiz e as copas se abatessem sobre ele. Mas, mais tarde, depois de muito ter chorado, quando a esperança, por entre escaldantes lágrimas, lhe voltara a surgir, levantou-se e começou a percorrer o campo em todas as direcções. Um por um, correu os pontos altos em que as pessoas se tinham juntado. Por todos os caminhos em que ainda houvesse movimento da torrente de fugitivos, Jeronimo dirigia-se-lhes. Bastava-lhe ver um vestido feminino ondular ao vento para que os seus passos trémulos o levassem nessa direcção: nenhum, contudo, cobria o corpo da querida filha de Asteron. O sol declinava e, com ele, uma vez mais, a esperança de Jeronimo, quando chegou à beira de um penhasco e a vista se lhe espraiou por sobre um vasto vale em que havia poucas pessoas. Sem saber bem o que devia fazer, percorreu os diversos grupos; estava já disposto a voltar para trás, quando de súbito divisou, junto a uma fonte que corria para o vale, uma jovem ocupada em lavar uma criança na corrente. Ao ver isto, o coração estremeceu-lhe. Invadido por um súbito pressentimento, saltou por cima das rochas, enquanto gritava: «Santa Mãe de Deus!» Reconheceu Josephe quando esta se virou, assustada pelo barulho. Com que alegria se abraçaram os infelizes, salvos por um milagre dos Céus!

Josephe, no seu caminho em direcção à morte, estava já muito perto do local da execução quando, subitamente, todo o cortejo foi desmembrado pelo ressoar dos edifícios em queda. Os primeiros passos aterrorizados que conseguiu dar levaram-na à porta mais próxima da cidade. Mas, em breve, a reflexão fê-la retroceder e dirigir-se apressadamente ao Convento onde tinha ficado o filho, indefeso. Deu com o Convento já completamente em chamas. A Abadessa — que, nos momentos que deviam ter sido os últimos da vida de Josephe, lhe tinha prometido cuidar do recém-nascido — estava junto à entrada e gritava por socorro para que alguém salvasse a criança. Josephe, perdendo o medo, lançou-se através do fumo que rolava na sua direcção, entrando no edifício que começava já a ruir por todos os lados. E, como se estivesse protegida por todos os anjos celestiais, voltou a sair com a criança, incólume, pelo mesmo portal. Preparava-se para cair nos braços da Abadessa que escondia a cabeça entre as mãos, quando esta e a maioria das freiras foram desgraçadamente atingidas pela queda de uma empena do edifício. Josephe, perante o horror deste espectáculo, recuou; num gesto breve fechou os olhos da Abadessa e fugiu, completamente aterrorizada, arrancando àquele cenário de destruição o seu querido filho que o Céu lhe tinha devolvido.

Pouco tinha andado, quando lhe foi dado ver também o cadáver do Arcebispo que acabava de

ser retirado, completamente esmagado, dos escombros da Catedral. O Palácio do Vice-Rei estava soterrado, o edifício do tribunal em que lhe tinha sido ditada a sentença estava em chamas e, no local em que se encontrava a casa paterna, tinha-se formado um lago de onde se libertavam vapores vermelhos. Josephe juntou todas as forças para se manter de pé. Corajosamente, procurando afastar a aflição que lhe assaltava o peito, transportava o seu resgate de rua em rua. Estava já próxima da porta da cidade quando se deparou com a prisão também em ruínas, a prisão em que Jeronimo chorava a sua desgraça. Perante isto vacilou; estava a ponto de se deixar cair inconsciente junto à primeira esquina. Mas, nesse momento, mesmo atrás de si, a queda de um edifício já muito danificado pelos abalos veio acordá-la e insuflar-lhe uma força nascida do susto. Beijou o filho, secou as lágrimas e, sem voltar a prestar atenção aos horrores que a circundavam, atingiu a porta da cidade. Uma vez fora, concluiu rapidamente que nem todos os que se encontravam dentro de edifícios que tivessem sido destruídos tinham ficado necessariamente esmagados sob os escombros.

Parou na primeira encruzilhada possuída pelo desejo de que aquele a quem mais queria neste mundo, depois do seu pequenino Filipe, lhe aparecesse. Como ele não vinha e a torrente de gente continuava a aumentar, Josephe prosseguiu; mas, aqui e além, voltava-se e continuava a sentir o

mesmo desejo. Sempre em lágrimas, acabou por se esgueirar para um vale escuro, coberto de pinheiros, para rezar pela alma daquele que julgava perdido. Afinal, foi aí, nesse vale, que o foi encontrar, a ele e à felicidade também, como se se tratasse do Vale do Éden.

Tudo isto contava agora Josephe a Jeronimo. Ao chegar ao fim, estendeu-lhe a criança para que ele a beijasse. Jeronimo pegou no filho e acariciou-o com uma alegria paternal inenarrável. Como a criança começou a chorar, estranhando o rosto desconhecido, tapou-lhe os lábios com infinitas carícias. Entretanto caíra a noite, uma noite bela, plena de odores maravilhosamente suaves, calma e de um brilho prateado; uma noite tal que só um poeta a poderia sonhar. Por toda a parte, ao longo do regato que percorria o vale, tinha-se instalado gente à claridade do luar; com musgo e folhagens preparavam leitos macios para repousar de um dia tão cheio de tormentos. Mas, uma vez que os desgraçados continuavam a lamentar-se, um porque tinha perdido a casa, outro a mulher e o filho, um terceiro porque perdera tudo, Jeronimo e Josephe meteram-se por um bosque mais cerrado, para não perturbarem ninguém com o júbilo que lhes enchia as almas. Encontraram uma esplêndida romãzeira que estendia amplamente os ramos carregados de frutos. No topo da árvore, um rouxinol cantava a sua melodia voluptuosa. Jeronimo sentou-se, encostado ao tronco da árvore, Josephe encostada ao

dele e Filipe no colo do pai. Cobriram-se com o casaco de Jeronimo e descansaram. A sombra da árvore, atravessada por luminosidades dispersas, estendia-se sobre eles e a lua empalidecia já aos primeiros alvores da madrugada sem que tivessem ainda adormecido. Tinham tanto que contar, desde os jardins do Convento até às prisões, passando por tudo quanto tinham sofrido um pelo outro. Ao pensarem em toda a miséria que precisara de se abater sobre o mundo para que alcançassem a sua felicidade, ficaram profundamente emocionados.

Decidiram que, mal terminassem os abalos, partiriam para La Conception onde Josephe tinha uma amiga de confiança para, a partir daí, com o auxílio de um pequeno empréstimo que esperavam obter dela, embarcarem para Espanha, onde viviam parentes da mãe de Jeronimo; aí poderiam estabelecer uma vida feliz. E assim, depois desta decisão, por entre muitos beijos, adormeceram.

O sol ia alto quando acordaram. Repararam que nas proximidades havia várias famílias ocupadas na preparação de uma pequena refeição quente. Jeronimo pensava precisamente na maneira de arranjar alguma coisa de comer para os seus quando um homem jovem e bem vestido, trazendo uma criança nos braços, se lhes dirigiu para pedir a Josephe, com delicadeza, se não se importava de por uns instantes dar o peito àquele pobrezito, cuja mãe, ferida, estava deitada ali

perto, debaixo das árvores. Josephe ficou um pouco confundida ao aperceber-se de que se tratava de um conhecido. O homem, interpretando diversamente a perplexidade dela, prosseguiu: «Só por alguns instantes, Donna Josephe; é que esta criança, desde aquela hora de infelicidade que caiu sobre todos nós, ainda não tomou nada.» Ao que ela respondeu: «Fiquei calada por uma outra razão, Don Fernando. Nestas circunstâncias terríveis ninguém se nega a partilhar o que possa ter.» Entregue o filho a Jeronimo, pegou na outra criança e pô-la ao peito. Don Fernando, grato por este gesto de bondade, perguntou-lhes se não quereriam acompanhá-lo até junto do grupo que nesse momento estava a preparar um ligeiro dejejum. Josephe respondeu que aceitava a oferta com prazer e, como Jeronimo também não tinha nada a opor, seguiram-no até junto da família. Josephe foi recebida com a mais sincera ternura por parte das duas cunhadas de Don Fernando, que ela conhecia como sendo jovens de grande dignidade.

Donna Elvira, a esposa de Don Fernando, que estava deitada no chão, gravemente ferida nas pernas, ao ver que Josephe tinha ao peito o filho que tanto sofrera, pediu-lhe com grande amizade que viesse até junto de si. E também Don Pedro, o sogro de Don Fernando, que estava ferido num ombro, a saudou afavelmente, inclinando a cabeça.

No íntimo de Jeronimo e de Josephe agitavam-se pensamentos muito estranhos. Ao verem-se tratados com tanta cordialidade e bondade, não sabiam que pensar do passado, do patíbulo, da prisão, dos sinos. Teria sido apenas um sonho? Era como se os espíritos, depois do terrível golpe que os sacudira, se tivessem todos reconciliado. Nem conseguiam lembrar-se de nada anterior ao abalo. Apenas Donna Elisabeth, que tinha sido convidada por uma amiga para assistir ao espectáculo da véspera, mas que não tinha aceite o convite, detinha de vez em quando um olhar mais pensativo sobre Josephe. Mas as notícias que se iam ouvindo sobre outras desgraças horríveis traziam-lhe o espírito de novo ao presente, do qual, por um momento, parecera afastar-se.

Contava-se como, logo após o primeiro grande abalo, se viam por toda a parte mulheres que davam à luz perante o olhar dos homens; como os monges se puseram a correr de um lado para o outro, crucifixos na mão, gritando que era chegado o fim do mundo; ou como alguém respondera a uma patrulha que, por ordem do Vice-Rei, pretendia evacuar uma igreja, que já não havia Vice-Rei do Chile; ou ainda como o Vice-Rei, no momento de maior horror, fora obrigado a mandar levantar forcas para conter as pilhagens e como um inocente, que procurava escapar pelas traseiras de uma casa em chamas fora precipitadamente apanhado pelo proprietário e imediatamente enforcado.

Donna Elvira, de cujos ferimentos Josephe se ocupava com o máximo empenho, num momento em que as narrativas se cruzavam com vivacidade, encontrou oportunidade para lhe perguntar como se tinham passado as coisas com ela naquele dia terrível. Josephe, de coração oprimido, narrou-lhe alguns traços principais e não deixou de sentir uma imensa alegria ao ver as lágrimas que inundaram os olhos da Senhora; Donna Elvira pegou-lhe na mão, apertou-a e fez-lhe sinal para que nada dissesse. Josephe sentia-se entre os bem-aventurados. Um sentimento que não podia reprimir fazia-lhe pensar no dia anterior, por maior que fosse a miséria que tivesse vindo espalhar sobre a terra, como uma dávida incomparável com qualquer outra que alguma vez o Céu lhe tivesse concedido. De facto, no meio destes momentos horrorosos em que todas as riquezas humanas se reduziram a pó e a natureza ameaçava ruína, o espírito humano parecia despontar como uma flor. Pelos campos, até onde a vista podia alcançar, via-se gente de todas as condições, deitados uns por entre os outros; príncipes e mendigos, senhoras e camponesas, funcionários e jornaleiros, religiosos e religiosas, todos em atitude de mútua compaixão, auxiliando-se reciprocamente, partilhando com alegria tudo o que cada um tivesse conseguido salvar para sustento da vida, como se a desgraça geral tivesse transformado numa só família todos os que lhe tinham escapado.

Em vez das conversas que nada dizem, às quais as gentes do mundo emprestam o tema à volta das mesas do chá, contavam-se agora exemplos de feitos prodigiosos: homens, até então pouco considerados pela sociedade, que tinham mostrado uma grandeza de carácter digna de um Romano; inúmeros exemplos de coragem, de abnegado desprezo pelo perigo, de desinteresse e de sacrifício total; gestos de entrega da própria vida sem a menor hesitação, como se esta, à semelhança de qualquer ninharia, pudesse ser reencontrada no momento seguinte. Como não havia ali uma única pessoa que não tivesse presenciado naquele dia qualquer coisa de emocionante ou que não tivesse ela própria praticado um gesto generoso, sucedia então que em cada um daqueles peitos a dor se misturava com um tal prazer e doçura que Josephe não sabia bem avaliar se a quantidade de prazer geral tinha ou não crescido de um dos lados na medida exacta em que decrescera do outro.

Quando, por fim, esgotaram estas observações e ficaram calados, Jeronimo pegou Josephe pelo braço e levou-a sem destino, com uma indescritível serenidade, por entre as folhagens frondosas do bosque de romãzeiras. Disse-lhe que, atendendo à actual disposição dos espíritos e ao desmoronamento das relações estabelecidas, estava disposto a abandonar o propósito de embarcarem para a Europa. Caso o Vice-Rei não tivesse morrido, e já que ele sempre se mostrara favorável

à sua causa, iria lançar-se-lhe aos pés e tinha esperança — dizendo isto, beijava-a — de que pudessem permanecer no Chile. Respondeu-lhe Josephe que tinham começado a nascer em si ideias idênticas e que não tinha qualquer dúvida sobre a possibilidade de uma reconciliação com o pai, supondo também que ele tivesse sobrevivido. Mas achava que, em vez de Jeronimo se ir lançar aos pés do Vice-Rei, seria melhor irem para La Conception e, depois, tratarem do pedido de perdão por carta. Estariam assim, acontecesse o que acontecesse, na proximidade do porto. Se tudo corresse bem e se o assunto tivesse o desejado desfecho, seria fácil regressar a Santiago. Jeronimo, depois de reflectir um pouco, deu o seu aplauso à prudência deste plano. Continuou ainda um pouco o passeio com ela, como se sobrevoassem já os serenos momentos que o futuro lhes reservava. Depois regressaram até junto dos outros.

Entretanto a tarde avançava. Os abalos diminuíram e os espíritos daqueles refugiados sem destino tinham também sossegado um pouco. Por essa altura espalhou-se a notícia de que, na Igreja dos Dominicanos, a única que o terramoto poupara, ia ser celebrada pelo próprio prelado do Convento uma missa solene para implorar aos Céus protecção contra novas desgraças.

De todos os lados se viam já surgir pessoas que acudiam em vagas à cidade. No grupo de Don Fernando tinha-se levantado a questão de saber se se devia ou não acompanhar aquele mo-

vimento geral e ir tomar parte na solenidade. Donna Elisabeth, não sem alguma angústia, recordou as desgraças que na véspera se tinham produzido na Igreja, que certamente tais celebrações de acção de graças se voltariam a repetir e que, quando o perigo estivesse mais distante, se poderiam entregar aos seus sentimentos com muito maior paz e serenidade. Josephe, levantando-se rapidamente e por entre alguma exaltação, afirmou que nunca tinha sentido com tanta intensidade um impulso para se arrojar ao chão perante o Criador, a face na poeira, como agora, no momento em que Ele assim manifestava todo o seu infinito e misterioso poder. Donna Elvira, por seu lado, com grande vivacidade, declarou-se concordante com a opinião de Josephe. Sustentava, portanto, que deviam ir ouvir a missa e convidou Don Fernando a tomar a direcção do grupo. De imediato todos se levantaram, inclusivamente Donna Elisabeth. Contudo, ao repararem que esta, num estado de clara ansiedade, hesitava perante os mais insignificantes preparativos para a partida, perguntaram-lhe se lhe faltava alguma coisa. Respondeu Donna Elisabeth que não sabia dizer que mau pressentimento era aquele que havia dentro de si. Donna Elvira, então, sossegou-a e pediu-lhe que ficasse com ela e com o pai, também inválido. Josephe acrescentou: «Assim, Donna Elisabeth, poderá ficar-me com este meu pequenino amor que, como vê, voltou a acolher-se ao meu colo.» «Com todo o

gosto», respondeu Donna Elisabeth, preparando--se para pegar na criança. Mas esta começou a chorar, como se se queixasse da injustiça que lhe estavam a fazer; não se dispunha, de forma alguma, ao que queriam dele. Josephe, sorrindo, decidiu que não podia fazer outra coisa senão levá-lo. Beijou-o e ele voltou a acalmar-se. Don Fernando, a quem muito agradavam a dignidade e a doçura de carácter de Josephe, ofereceu-lhe o braço; Jeronimo, que entretanto levava Filipe ao colo, conduzia Donna Constanza. Seguiam-se os outros membros do grupo; e, assim, por esta ordem, iniciaram o caminho para a cidade.

Mal tinham andado uns cinquenta passos quando ouviram Donna Elisabeth, que entretanto tinha tido uma conversa particular muito acesa com Donna Elvira, gritar pelo nome de Don Fernando. Viram-na correr para o grupo, visivelmente inquieta. Don Fernando parou, virou-se sem largar o braço de Josephe e esperou que ela chegasse junto deles. Vendo que Donna Elisabeth ficara parada a uma certa distância, como se estivesse à espera que ele fosse ao seu encontro, perguntou-lhe o que queria. Donna Elisabeth, então, aproximou-se, embora parecesse fazê-lo com relutância. De modo que Josephe não pudesse ouvir, disse algumas palavras ao ouvido de Don Fernando. «E então? Que mal pode vir daí?», perguntou ele. Donna Elisabeth, sempre de semblante perturbado, continuava a segredar-lhe ao ouvido. No rosto de Don Fernando crescia o rubor

da contrariedade. Respondeu-lhe. «Isso era bom! Donna Elvira fará o favor de se tranquilizar.» E retomou o caminho, conduzindo a sua dama.

Ao chegarem à Igreja dos Dominicanos fazia--se já ouvir o esplendor musical do órgão e uma quantidade incalculável de gente comprimia-se lá dentro. A multidão estendia-se bastante para além do portal, pela praça fronteira à igreja. Pelas paredes e pelas molduras dos retábulos havia garotos pendurados que seguravam os barretes na mão enquanto lançavam em volta olhares plenos de expectativa. Dos candelabros desciam raios luminosos e as colunas, tomadas pelo avanço do crepúsculo, lançavam misteriosas sombras. Os vitrais da grande rosácea, ao fundo da igreja, flamejavam como o próprio pôr-do-sol que os iluminava. Uma vez calado o órgão, reinava o silêncio em toda a assembleia, como se ninguém tivesse no peito um único som para deixar escapar. De um templo cristão, nunca irrompeu para os Céus uma tal chama de fervor, como nesse dia da Igreja dos Dominicanos de Santiago. E não havia peito humano que lhe emprestasse maior ardor que os de Jeronimo e Josephe.

Começou a celebração por um sermão dito do púlpito por um dos cónegos mais antigos envergando paramentos festivos. Erguendo aos Céus as mãos trémulas que saíam amplamente da sobrepeliz, começou imediatamente por louvar o Senhor e dar graças por ainda haver, nesta parte do mundo caída em ruínas, homens capazes de

elevar para Ele as suas orações. Descreveu o que acontecera ao menor sinal do Todo-Poderoso: o Juízo Final não pode ser mais terrível. E, ao proclamar, apontando para uma fenda aberta na parede do templo, que o terramoto da véspera não era mais que uma imagem antecipada do Juízo Final, toda a assembleia foi percorrida por um frémito. De seguida, ao sabor da corrente da eloquência eclesiástica, começou a falar do estado de corrupção dos costumes da cidade. Acusou-a de horrores como Sodoma e Gomorra não tinham visto e acrescentava que só a infinita paciência de Deus fizera com que não tivesse desaparecido completamente da face da terra.

Os corações dos nossos dois infelizes, já dilacerados por tais palavras, foram, por assim dizer, trespassados por um punhal, no momento em que o cónego, a propósito, recordou em pormenor o sacrilégio que tinha sido praticado nos jardins do Convento das Carmelitas, apodou de ímpia a indulgência de que tal crime gozara nas bocas do mundo e, por entre as mais variadas maldições, encomendou aos príncipes dos Infernos as almas dos seus autores que não deixou de nomear expressamente. Donna Constanza, tremendo agarrada ao braço de Jeronimo, chamou por Don Fernando. Este limitou-se a responder com voz firme mas, ao mesmo tempo, tanto quanto uma coisa admite a outra, como quem segreda: «Calai-vos, Donna Constanza! Nem um olhar. Fazei de conta que perdesteis os sentidos e trataremos de sair da

igreja.» Contudo, antes que ela tivesse tempo de pôr em prática este avisado plano de salvamento, havia já uma voz que se levantava, interrompendo o sermão do cónego, para gritar: «Para trás, gentes de Santiago! Esses dois ímpios estão aqui!» À volta deles alargava-se um círculo de gente horrorizada; uma segunda voz, plena de terror, perguntava: «Onde?» «Aqui!», respondeu um terceiro que, tomado de fanatismo desapiedado, agarrou Josephe pelos cabelos, a ponto de a deitar ao chão com o filho de Don Fernando nos braços, se este a não tivesse segurado. «Estais loucos?», gritou Don Fernando, passando o braço em volta de Josephe. «Eu sou Don Fernando Ormez, filho do Governador Militar da cidade que todos conheceis!» «Don Fernando Ormez?», gritou-lhe, bem próximo um sapateiro que tinha trabalhado para Josephe e que a conhecia pelo menos tão bem como aos seus pequenos pés. O homem virou-se para a filha de Asteron e interpelou-a com insolência: «Quem é o pai desta criança?» Don Fernando, perante esta pergunta, ficou lívido. Ora olhava, embaraçado, para Jeronimo, ora procurava encontrar no meio da multidão alguém que o conhecesse. Josephe, pressionada pelo horror da situação, gritou: «Esta criança não é a minha, Mestre Pedrillo!» E, olhando para Don Fernando, no meio da maior angústia, prosseguiu: «Este Senhor é Don Fernando Ormez, filho do Governador, que todos conheceis!» Mas o sapateiro perguntava: «Qual de vós, cidadãos,

conhece este homem?» Vários dos circunstantes repetiam: «Quem conhecer Jeronimo Rugera, que avance!» Aconteceu então que o pequeno Juan, assustado pelo tumulto, se escapou dos braços de Josephe para os de Don Fernando. Logo se ouviu uma voz gritar: «Ele é o pai!» E uma outra: «É ele, Jeronimo Rugera!» Uma outra ainda: «E esses são os sacrílegos!» «Lapidai-os! Lapidai--os! A Cristandade reunida no templo de Jesus vai lapidá-los!» Mas Jeronimo interpôs-se, gritando: «Parai, gente desumana! Se procurais Jeronimo Rugera, aqui o tendes! Libertai esse homem que está inocente!»

A turba furiosa estacou, desconcertada pelas palavras de Jeronimo. Vários foram os que largaram Don Fernando. Nesse momento, um Oficial de Marinha de alta patente que tinha acorrido, abrindo passagem por entre aquela multidão desordenada, perguntou: «Don Fernando Ormez, que vos aconteceu?» Este, agora já completamente liberto, respondeu com um sangue-frio verdadeiramente heróico: «Pois veja, Don Alonzo, estes assassinos! Estaria perdido, se este jovem não lhes tivesse dito que era Jeronimo Rugera para aplacar esta multidão furiosa. Seria bondade vossa tomá-lo sob custódia e também a esta jovem, para sua segurança. E prender este miserável», acrescentou, segurando Mestre Pedrillo, «que instigou toda esta confusão.» Mas o sapateiro gritou: «Don Alonzo Onoreja, pergunto-vos em consciência se esta rapariga não é Josephe Asteron.» Don Alonzo, que conhecia muito bem Josephe, hesitou na resposta. A fúria reacendeu-se e várias vozes gritaram: «É ela! É ela! À morte!» Josephe pegou então no filho que Jeronimo segurara até esse momento e colocou-o junto do pequenito Juan, nos braços de Don Fernando, dizendo-lhe: «Ide, Don Fernando! Salvai as vossas crianças e deixai-nos entregues ao nosso destino!»

Don Fernando pegou nas duas crianças e disse que preferia morrer a aceitar que acontecesse algum mal aos do seu grupo. Pediu ao Oficial de Marinha que lhe desse a espada, ofereceu o braço a Josephe e disse ao outro par que os seguissem. Com esta atitude inspiraram respeito suficiente para que lhes abrissem caminho e conseguiram sair da igreja. Julgaram-se salvos. Mas mal tinham saído para a praça igualmente pejada de gente, fez-se ouvir uma voz de entre a turba que os seguia, gritando: «Cidadãos, esse homem é Jeronimo Rugera! Digo-o eu, que sou seu pai!» Levantou um bastão e, com um golpe terrível, fê-lo cair no chão, ao lado de Donna Constanza. «Jesus! Maria!», gritou esta, tentando fugir para junto do cunhado. Fez-se ouvir um urro: «Rameira de Convento!» E um segundo golpe, vindo do outro lado, fê-la cair sem vida junto ao corpo de Jeronimo. Um desconhecido gritou: «Monstro! Esta mulher era Donna Constanza Xares!» «Queriam enganar-nos!», respondeu o sapateiro. E continuava: «Procurai a verdadeira e matai-a!» Don

Fernando, ao ver o cadáver de Donna Constanza, ficou rubro de cólera. Empunhou a espada, levantou-a no ar e desferiu um golpe que teria aberto ao meio o fanático assassino que desencadeara todo este horror se este, de um salto, não tivesse evitado o golpe enfurecido. Mas, Josephe, vendo que ele não podia levar de vencida a multidão que o atacava, gritou-lhe: «Salvai-vos, Don Fernando! Salvai-vos e às crianças!» Depois acrescentou: «Aqui, feras sanguinárias! Matai-me!» E, para pôr termo à luta, lançou-se voluntariamente para o meio deles. Mestre Pedrillo, com o bastão, fê-la cair de um golpe. Depois, coberto do sangue dela, acrescentou: «O bastardo que a siga até ao Inferno!» E avançou, ainda insaciado no seu desejo de matança.

Don Fernando, esse herói divino, estava agora encostado à parede da igreja. Com o braço esquerdo segurava as duas crianças, com a mão direita a espada. A cada golpe, havia alguém que caía ao chão, fulminado. Um leão não saberia defender-se melhor. Sete daqueles cães sanguinários jaziam já mortos à sua frente. O próprio chefe do bando satânico estava ferido. Mas Mestre Pedrillo não caiu morto enquanto não conseguiu arrancar pelas pernas uma das crianças ao peito de Don Fernando para a voltear sobre a cabeça e a esmagar contra a esquina de uma das colunas da igreja. Depois fez-se silêncio e todos se afastaram. Don Fernando, ao ver o seu pequenino Juan caído à sua frente, o crânio aberto

deixando sair a massa encefálica, levantou os olhos ao Céu, trespassado por uma dor inominável.

O Oficial de Marinha estava agora de novo junto dele. Procurava consolá-lo. Falou-lhe do seu arrependimento por não ter agido neste drama, apesar de haver tantas razões para o ter feito. Mas, Don Fernando disse-lhe que nada havia a criticar no seu comportamento e pediu-lhe apenas que o ajudasse a retirar imediatamente os corpos. No meio da obscuridade da noite que caía, os cadáveres foram transportados para a casa de Don Alonzo. Don Fernando seguiu-os, deixando cair constantes lágrimas sobre a face do pequeno Filipe. Passou a noite em casa de Don Alonzo, hesitante, à procura de falsas razões para adiar o relato de toda a extensão do drama à esposa; porque ela estava doente, porque também não sabia como ela iria julgar todo o seu comportamento nos acontecimentos. Mas, pouco tempo depois, essa mulher extraordinária, casualmente informada por um passante de tudo o que tinha acontecido, ficou a chorar em silêncio a sua dor de mãe. Numa manhã, ainda com o resto de uma lágrima a brilhar-lhe nos olhos, abraçou-o e beijou-o. Don Fernando e Donna Elvira tomaram a criança como filho adoptivo. E, quando Don Fernando comparava Filipe com Juan e pensava na maneira como aquelas duas crianças tinham entrado na sua vida, quase experimentava vontade de sentir alegria.

CULTIVA A INTELIGÊNCIA
NÃO DEIXES MORRER A REVOLTA

- Declaração de Guerra às Forças Armadas e Outros Aparelhos Repressivos do Estado
  Custódio Losa (major dissidente)
- A Insurreição Erótica — Autocrítica da Corporeidade Metafórica
  Giorgio Cesarano

  Seguido de: Prolegómenos Portugueses a uma Revolta Fundada Sobre o Amor
  Diana Felgueiras
- História Desenvolta do Surrealismo
  Jules-François Dupuis
- Don Juan de Kolomea
  Sacher Masoch
- Protesto Ante os Libertários do Presente e do Futuro Acerca das Capitulações de 1937
  por um «incontrolado» da coluna de ferro
- 3 Histórias 3
  Cravan / Rigaut / Vaché
- Pesquisas Sobre a Sexualidade
  Aragon, Breton, Péret, Tanguy e outros
- Isidore Ducasse e o Conde de Lautréamont nas Poesias
  Raoul Vaneigem
- Os Tomates Enlatados
  Benjamin Péret
- Apontamentos para a História da Revolução da Maria da Fonte
  Padre Casimiro
- Do Terrorismo e do Estado
  Gianfranco Sanguinetti

- Ravachol e os Anarquistas
Jean Maitron
- O Banqueiro Anarquista
Fernando Pessoa
- A Nuclearização do Mundo
Les Editions de l'Assomoir
- Crimes Exemplares
Max Aub
- O Papalagui
Tuiavii de Tiavéa
- Exposição Analítica do Pronunciamento
João Pinto Roby
- Historiografia *Maliciosa e Crítica* da Miséria em Portugal
Carlos K. Debrito
- A Burocratização do Mundo
Bruno Rizzi
- Apelos da Prisão de Segóvia
Coordenação dos Grupos Autónomos de Espanha
- A Invenção de Morel
Adolfo Bioy Casares
- Michael Kohlhaas, o Rebelde
Heinrich von Kleist
- Recordando a Guerra Espanhola
George Orwell
- Matar Não É Crime
Edward Sexby
- Marx, um Elogio Crítico
Carlos K. Debrito
- Na Penúria em Paris e em Londres
George Orwell
- Discurso sobre a Servidão Voluntária
Etienne de La Boétie

Kleist
Michael Kohlhaas, O Rebelde
120 pp.

Possuído por uma ideia extrema de justiça, apanágio de qualquer homem que se pretenda livre, Michael Kohlhaas desatou os laços que o amarravam à grei e, valendo-se apenas da sua espada, eliminou sem piedade os tiranos que o oprimiam. Como todos os milenaristas, assumiu-se enquanto flagelo de deus: o tempo impunha essa mediação entre ele e a **comunidade** a construir. Eis a sinuosa estrada da revolta.

Não temos retratos da sua personalidade exterior, e do seu ser íntimo só possuímos o que nos mostra o espelho da sua obra, da sua expansiva correspondência. Existe, é certo, um maravilhoso retrato de Kleist que comoveu os raros íntimos que o leram, uma confissão no género de Rousseau, uma história «da sua alma» escrita pouco tempo antes da sua morte. Mas desapareceu, ou porque ele tivesse queimado o manuscrito, ou porque os seus herdeiros, indiferentes, o tivessem perdido ao mesmo tempo que o seu romance e muitas outras obras. O seu rosto mergulha assim na noite que o cobriu com a sua sombra durante trinta e quatro anos; apenas conhecemos o seu tenebroso companheiro: o demónio.

Stefan Zweig